

Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul

Adriana Schmidt Dias

Professor Orientador: Paulo Antônio Dantas De Blasis

Tese apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-graduação em Arqueologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor.

São Paulo

2003

Capítulo 5

Sistemas de Assentamento de Horticultores no Alto Vale do Rio dos Sinos: As Tradições Guarani e Taquara

5.1. Os Horticultores da Tradição Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos

5.1.1. Por um Modelo Etnoarqueológico do Sistema de Assentamento Guarani Pré-colonial do Sul do Brasil

A arqueologia Guarani desenvolvida no sul do Brasil nas últimas quatro décadas pode ser dividida em duas tradições de pesquisa. A primeira está relacionada ao enfoque histórico-cultural associado à atuação do PRONAPA que enquadrou os contextos arqueológicos Guarani na Sub-tradição Corrugada que caracterizaria os sítios meridionais da Tradição Cerâmica Tupiguarani, estendendo-se ao longo da costa atlântica até o nordeste do país¹. Uma segunda vertente da arqueologia Guarani deriva da revisão das propostas do PRONAPA, iniciada a partir do final da década de 1970, por José Justiniano Proenza Brochado. Participante do PRONAPA em sua fase de implantação, Brochado foi um dos primeiros a questionar os resultados do Programa referentes à interpretação dos contextos arqueológicos Guarani. Embora em termos teóricos suas propostas bebam das mesmas fontes do PRONAPA, a influência de Donald Lathrap em seu trabalho trouxe novas luzes para a elaboração de um modelo ecológico sob a dinâmica populacional Guarani, a partir de sua origem Amazônica (Brochado, 1984).

Baseado na relação entre estudos lingüísticos e arqueológicos, o autor propõe que a origem das proto-línguas da família Tupi-guarani teria se dado há aproximadamente 5.000 anos atrás na Amazônia Central. Por sua vez, esta diferenciação lingüística apresentaria correlação na cultura material, representada pelo surgimento de diversas tradições cerâmicas a

¹ Críticas ao modelo proposto pelo PRONAPA referente à arqueologia Guarani podem ser encontradas em Noelli (1993, 1999/2000) e Soares (1997, 1999).

partir da Tradição Policrômica Amazônica², sendo o processo de expansão destas tradições resultante de migrações associadas à pressão demográfica. O modelo de dispersão populacional de Brochado segue uma lógica de colonização dos espaços dos principais cursos fluviais, sempre motivada por causas demográficas e centrada em ambientes florestais relacionados a concepção de sistema de assentamento amazônico original.

No início da era Cristã, estas migrações teriam resultado em dois grandes blocos culturais, de origem comum, mas com características materiais distintas. A sub-tradição Guarani³ teria se expandido desde a Amazônia até a foz do Rio da Prata, seguindo os cursos dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai, circundando o planalto central brasileiro, em sua porção oeste e sul. A dispersão proto-Guarani em direção ao sul, possivelmente, deu-se através dos rios Madeira e Guaporé, com perdas das formas originais dos vasilhames e técnicas decorativas, relacionadas à sub-tradição Guarita, e aquisição de novas formas e tratamentos de superfície, como o corrugado, através de contato com as populações do leste boliviano e peruano. Uma segunda leva migratória, por sua vez, estendeu-se da Amazônia Central em direção à foz do Amazonas, onde em contato com as populações do baixo Amazonas a cerâmica adquiriu as características da sub-tradição Tupinambá que ocupou a costa atlântica, do nordeste ao litoral paulista.

Os trabalhos desenvolvidos por Brochado e colaboradores, entre as décadas de 1970 e 1990, proporcionaram um novo olhar sobre a cerâmica da Tradição Guarani, incorporando à análise destes conjuntos referenciais etnoarqueológicos, baseados em fontes etno-históricas do período do contato, para a interpretação funcional da variabilidade formal e decorativa dos vasilhames (Brochado, 1977; Brochado et al, 1990; Brochado & Monticelli, 1994; La Salvia & Brochado, 1989; Noelli & Brochado, 1998). Esta linha de pesquisa frutificou ao longo da década de 1990, gerando uma série de modelos interpretativos para a arqueologia Guarani, voltados ao estudo da cultura material, da organização social e das formas de uso do espaço (Assis, 1995; Garlet & Soares, 1998; Landa, 1995, 1999; Monticelli, 1995, 1999; Noelli, 1993; Noelli & Dias, 1995; Soares, 1997; Tochetto, 1996; entre outros). Dentre estes destacamos o modelo ecológico proposto por Noelli (1993) como ferramenta fundamental

² Para um aprofundamento nas discussões lingüísticas e arqueológicas sobre o centro de origem dos Tupi ver Noelli (1993, 1996a, 1996b, 1998a), Urban (1996) e Viveiros de Castro (1996).

³ A influência do modelo proposto por Brochado na arqueologia do sul do Brasil, fez com que nas duas últimas décadas, se tornasse de uso comum entre as novas gerações de pesquisadores referir-se a esta cerâmica como pertencente à Tradição Guarani, termo que incorporamos neste trabalho, embora não haja uma definição formal neste sentido em nenhuma publicação do autor.

para a interpretação dos sistemas de assentamento da Tradição Guarani⁴. Baseado em uma extensa revisão da bibliografia dos cronistas do século XVI a XIX, com ênfase no *Tesoro de la Lengua Guarani*, escrito por Montoya entre 1612 e 1617. Noelli propõe um modelo que busca dar subsídios históricos e arqueológicos para a interpretação de aspectos espaciais das estruturas do assentamento Guarani e sobre as estratégias de captação de recursos para a subsistência e elaboração da cultura material⁵.

Segundo Noelli (1993: 247-250), as categorias que classificam os domínios territoriais entre os Guarani pré-coloniais refletiriam os laços de parentesco e reciprocidade em três níveis espaciais inclusivos: *guará*, *tekohá* e *teii*. O *Guará* é um conceito sócio-político que determina uma região definida, geralmente delimitada por rios. Neste, era assegurado o pleno direito do usufruto da terra para o uso exclusivo de seus habitantes, representado pela prática da roça e pela independência das áreas de pesca e caça. Para garantir a manutenção dos territórios conquistados, os *Guará* seriam formados por alianças entre várias aldeias, mantidas através de laços de parentesco e reciprocidade. De acordo com os jesuítas, alguns *Guará* seriam compostos por até 40 aldeias refletindo um modelo de ocupação e manutenção territorial baseado na reciprocidade, na guerra e na antropofagia. Os *Guará*, de acordo com os informes de vários jesuítas, estariam sob a liderança de uma pessoa de grande prestígio político e espiritual que dominava extensos trechos das bacias hidrográficas. É provável,

⁴ Outras propostas interpretativas sobre os sistemas de assentamento Guarani foram sugeridas por Schmitz (1985b) e Rogge (1996), de acordo com uma orientação teórico-metodológica aliada à ecologia cultural. Em ambos os casos, interpreta-se o deslocamento de sedes de aldeia em função do esgotamento dos recursos naturais, a semelhança do modelo defendido por Meggers para a Amazônia (teoria dos fatores limitantes).

⁵ “Quase todas as informações históricas, etnográficas, ecológicas e arqueológicas nos conduzem a uma conclusão: haveria uma perseguição constante do *ñande reko*, modo de ser, ‘ser o mais Guarani entre os Guarani’, manifestado principalmente nas situações de conflito e de contato. Segundo Metraux, os Guarani seriam antes ‘melhores difusores’ de suas coisas do que inventores, atestando *a priori* as repetições apontadas historicamente e deduzidas para o período anterior ao contato com os europeus. (...) Os Guarani seriam representantes de uma sociedade etnocêntrica, impositora de comportamento, colonizadora e conquistadora de regiões e outras sociedades. Os Guarani, principalmente os anteriores ao século XVII, devem ser enquadrados entre as sociedades chamadas por Sahlins de ‘prescritivas’, ou seja, aquelas em que nada é novo, onde os acontecimentos são valorizados pela sua similaridade com a ordem vigente. (...) Tudo era efetivação e repetição. Tudo deveria ser conforme o ‘estilo de vida aprovado’. (...) Desta forma, o *habitus* destas sociedades Guarani ‘prescritivas’ seriam o bem reproduzir das palavras e das coisas, linguagem igual, cultura material idêntica. (...) Como centro, foco fundamental do *habitus* e da prescrição, a educação é o meio pelo qual se dá a perpetração simbólica e material da ordem estabelecida. A palavra é o veículo primordial para estabelecer as bases necessárias à reprodução da ordem social Guarani. (...) A educação entre os Guarani visava e visa, sobretudo, a manutenção da tradição do *ñande reko*, nosso modo de ser, isto é, do *teko*, ‘ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito’” (Noelli, 1993: 15-16).

portanto, que os rios principais da bacia Platina e da costa atlântica fossem subdivididos em vários *Guará*⁶.

Os *Guará* são compostos por unidades sócio-econômicas aliadas, denominadas *tekohá*, onde vão coexistir as multi-linhagens, ordenadas por laços de parentesco e reciprocidade. Sua área era bem definida, delimitada por arroios ou rios, e utilizada de forma comunal e exclusiva pelo grupo local, significando que estranhos só entravam com permissão. Era o espaço onde se reproduziam as relações econômicas, sociais e político-religiosas essenciais a vida Guarani. “Se o *tekó* era o modo de ser, o sistema, a cultura, a lei e os costumes, o *tekohá* era o lugar, o meio em que se davam as condições que possibilitavam a subsistência e o modo de ser dos Guarani” (Noelli, 1993: 249-250).

Por fim, os *tekohá* eram formados por *teii* isolados ou agrupados, em função das condições locais e políticas. O *teii* corresponde à parcialidade ou família extensa, sendo designada de *teii oga* a casa onde vivia a linhagem e de *amundá* o local da aldeia ou sede do *tekohá*. O *teii* corresponde à representação concreta da macrofamília ou linhagem⁷, por sua vez, subdividida em famílias constituídas, em média, por 6 pessoas, sendo a poligamia, aparentemente restrita a uma posição de prestígio no âmbito da aldeia. Uma *teii oga* poderia abrigar até 60 famílias nucleares, podendo as aldeias de grande porte possuir até 6 *teii oga*, sendo habitada por, aproximadamente, 2000 pessoas⁸. Estima-se que, em função de alianças, um *Guará* de grande porte poderia conjugar em torno de 40 *tekohá*, sendo sua população total superior a 80.000 habitantes.

⁶ A partir do mapa etnográfico de Teschauer (de 1918) e das fontes jesuíticas para o Rio Grande do Sul no período do contato com o europeu, Soares (1997: 191-202) aponta para a existência de cinco parcialidades (possíveis *Guará*) representados pelas regiões habitadas pelos Guarani, Tape, Caágua, Carijó e Arachane. Os Guarani, ocupariam a região das Missões, nas bacias dos rios Ijuí, Piratini e I-Camaquã, a noroeste do Estado, tendo sua área por limite sul o vale do rio Ibicuí. A região habitada pelos Tape teria como limites naturais a oeste o alto rio Ibicuí, ao norte a Serra Geral, a leste o vale do rio Cai e ao sul a Serra dos Tapes. O território dos Tape corresponderia à parte leste da Depressão Central e as regiões mais altas do planalto, a oeste do Alto rio Taquari. Os territórios dos Guarani e Tape seriam os com maior densidade demográfica quando do contato com os jesuítas. Os Caágua teriam sofrido mais intensamente a ação das bandeiras paulistas, com intensos deslocamentos populacionais, sendo possivelmente seu território original delimitado pela bacia do rio Jacuí ao sul, pelo rio Taquari, a oeste, e pela Serra do Mar, a leste. Por fim, a planície costeira abrigaria outras duas parcialidades, estando os Carijó na porção norte do litoral atlântico e os Arachane nas margens da Lagoa dos Patos, ao sul, sendo os primeiros também fortemente afetados pela ação das bandeiras.

⁷ Segundo Soares (1997: 82-83), o sistema de localidade que ordenaria as relações de parentesco entre os Guarani seria do tipo *kindred*, ou seja, famílias extensas que agregavam diversas famílias nucleares reunidas em torno de uma liderança política e/ou religiosa através de laços de parentesco sanguíneos e/ou político e/ou adotivos.

⁸ As *teii ogas* eram instaladas próximas entre si na sede da aldeia (*amundá*) a fim de estreitar os laços de reciprocidade e parentesco, bem como para a proteção e segurança da coletividade (Soares, 1997: 126)

O *tekohá* comporta um jogo entre três espaços distintos: a aldeia (*amundá*), as roças (*cog*) e a vegetação circundante (*caa*). As roças (*cog*) iniciam-se fora do perímetro da aldeia, localizando-se a diferentes distâncias, de acordo com a sua antiguidade. Além das roças, inicia-se o espaço das matas, genericamente denominadas *caa*, no qual situam-se as áreas de pesca, coleta e caça e as jazidas litológicas e de argila. Nestas também estão outras áreas de manejo que podem refletir antigas ocupações ou a preparação para futuros assentamentos, levando a crer que o raio de ação do ambiente humanizado estendia-se por muitos quilômetros a partir da sede do *tekohá* (Noelli, 1993: 266). O tamanho da área de captação de recursos de um *tekohá* pode variar em função do grau de reciprocidade do conjunto multi-comunitário pertencente a um mesmo *Guará*, não sendo incomum a sobreposição de áreas de ação entre distintos *tekohá*. A partir dos dados etno-históricos e arqueológicos, estima-se em torno de 50 Km a área de captação de recursos de um *tekohá* ao longo do ciclo anual, a partir da sede da aldeia⁹ (Noelli, 1993: 252).

As roças eram divididas em lotes para cada família, cuja posição e tamanho eram definidos a partir do consenso com os demais ou arbitrado pelo chefe da linhagem (*teiru* ou *tuvichá*), obedecendo a critérios relativos a sua posição hierárquica na família extensa. A relação *cog-teii* determinava a área total coberta pelas roças de um determinado *tekohá*. Através das fontes etno-históricas estima-se os lotes de roça para cada família entre 0,5 e 2 hectares, resultando em uma área cultivada de 30 a 120 hectares para uma *teii oga* de 60 famílias, não sendo possível determinar se as roças eram contínuas ou interligadas (Noelli, 1993: 275-276). A formação de pomares, hortas medicinais e o cultivo plantas manufatureira também era desenvolvida em outros lugares além da roça, podendo situar-se junto às casas, no perímetro da aldeia, nas trilhas¹⁰ que ligam aldeias e roças entre si e em clareiras naturais ou artificiais associadas à derrubada de árvores para a coleta de madeira, mel ou insetos (Noelli, 1993: 265).

⁹ Baseado em fontes históricas do período dos primeiros contatos, Soares (1997: 128) estima que as distâncias entre as aldeias seriam variáveis, desde um dia de viagem até 600 Km, ainda dentro dos limites do *Guará*. Dados etnográficos atuais apontam uma distância média de 50 Km entre os povoados, apresentando compatibilidade com as estimativas de Noelli.

¹⁰ As trilhas abertas na mata serviam para interligar a aldeia com as roças, o porto das canoas, os pesqueiros e outras aldeias, recebendo o nome de *pê* (caminho). Os Guarani tinham uma ampla rede de caminhos entre suas aldeias no Brasil meridional, que recebeu a designação histórica de *peabirú*, utilizada intensamente no início da ocupação européia, unindo o interior da bacia platina à costa Atlântica (Noelli 1993: 270-271).

O desenvolvimento das roças possui características semelhantes às da vegetação sucessional natural. O cultivo de vegetais baseava-se no princípio de consorciamento de diferentes espécies, resultando na competição diferencial dos nutrientes por m², criando resistência à disseminação de pragas e a diminuição dos impactos da erosão. A área de uma roça era utilizada por vários anos, na medida em que nela, além dos cultígenos de ciclo fenológico curto (2 a 3 anos), eram introduzidas também árvores frutíferas e plantas medicinais ou fornecedoras de matérias primas (Noelli, 1993: 262). Portanto, a evolução e distinção funcional das roças se alteravam de acordo com a sucessão secundária. Quando o número de plantas cultivadas diminuía, novas roças eram abertas em outros pontos, passando as antigas a corresponder a locais onde predominam atividades de coleta. Estes, por sua vez, ficariam em repouso por um período de no mínimo 20 anos, até que houvesse um estrato arbóreo característico de matas jovens, de mais fácil derrubada com machados líticos, para novamente ser transformados em roça (Noelli, 1993: 293).

Na prática, o processo de abandono da roça traduz a conversão de um sistema de cultivo de curto prazo, em um sistema de agricultura agroflorestal de longo prazo, resultando na possibilidade de ocupação permanente do mesmo assentamento sem esgotar a capacidade produtiva dos solos, da flora e da fauna. Dentro dos limites do *tekohá* haveria florestas primárias, não manejadas, e áreas de florestas secundárias, antropogênicas, com distintas idades e funções, sendo que algumas das antigas roças poderiam ser utilizadas por até 35 anos quando suas árvores frutíferas estivessem quase completamente desaparecidas no meio da densa vegetação sucessional. O manejo pode iniciar dentro da roça, com a preservação de árvores úteis durante a derrubada ou com o transplante de espécies da floresta primária e secundária para os locais de cultivo. Com esta contínua atividade, diversas áreas de cultivo em torno do raio de ação da aldeia são criadas para minimizar a procura de plantas úteis e maximizar a oferta de alimentos e matérias primas vegetais durante todo o ano. Gradativamente, o local da roça passa de um local exclusivo da agricultura de plantas anuais para um espaço de plantas perenes, a serem usadas até que os processos de sucessão secundária fechem as clareiras abertas na mata. Acompanhando o processo natural de sucessão secundária da vegetação, os cultivares deixam de ser o principal foco da atenção, para dar lugar ao uso de árvores frutíferas ou plantas manufatureiras que foram cultivadas desde a primeira semeadura já que seus ciclos fenológicos se iniciam alguns anos após o plantio (Noelli, 1993: 295-298). Igualmente, as áreas de roça, em seus diferentes estágios de

desenvolvimento, são locais de atração de caça, sendo pontos preferenciais para a instalação de armadilhas (Noelli, 1993: 262).

As fontes etno-históricas e etno-botânicas consultadas por Noelli, permitiram o levantamento de 180 tipos de cultivares de ciclo anual variável para as roças Guarani no século XVI (distribuídos em 36 gêneros de plantas) e de pelo menos 307 tipos de plantas alimentícias ou com outros fins passíveis de ser coletadas pelos Guarani em suas florestas antropogênicas, garantindo um abastecimento anual de recursos vegetais variado, que permitiria a sustentação de ocupações de longa duração (Noelli, 1993: 278 e 294). Recursos advindos da caça, pesca e coleta de moluscos, insetos e mel complementariam o quadro de necessidades alimentares do grupo, sendo outro sustentáculo para a manutenção alimentar de assentamentos de longa duração para os Guarani. Portanto, a mudança de local de uma aldeia se daria mais por razões culturais do que em função do esgotamento dos recursos (Noelli, 1993: 262).

Na medida em que a floresta secundária representa a área majoritariamente utilizada para a subsistência Guarani, Noelli sugere que uma aldeia não seria instalada em um local que não fosse previamente manejado. O padrão de ocupação e colonização territorial dos Guarani seria temporal e espacialmente contíguo, refletindo um modelo de mudança de sede de aldeia dentro de locais anteriormente manejados no *tekohá*. Igualmente, uma aldeia poderia dividir-se em função do crescimento populacional ou por dissidência interna, ocupando a nova aldeia a área mais externa dos locais manejados e a original permanecendo no mesmo sítio (Noelli, 1993: 301-303). Nas palavras de Noelli:

Baseado nas informações dos cronistas e etnógrafos pode-se constatar que o tekohá mantém-se enquanto área de domínio, mas sua sede (sítio arqueológico, aldeia) é que circula (...). As fontes de alimentação vegetais e animais contribuem para transformar o sítio arqueológico no epicentro de um domínio, em princípio, muito amplo, conquistado e conservado pela força da guerra, e mantido cotidianamente pela força do trabalho de uma sociedade que fez questão de reproduzir culturalmente o seu bom modo de viver, seu tekó, até quando lhe foi possível (Noelli, 1993: 381).

Por fim, a prática da guerra, associada a captura de prisioneiros para o ritual antropofágico, representaria a necessidade de expansão das fronteiras territoriais e de manutenção das áreas já ocupadas. A guerra de expansão de fronteiras seria a primeira etapa da conquista territorial, com a desagregação dos habitantes originais e instalação das

primeiras áreas de manejo. O contínuo processo de expansão de fronteiras deixaria para trás os territórios colonizados por uma população estável com condições de manter e manejar suas terras. Se no momento de expansão de fronteiras era desenvolvida a guerra contra grupos não-Guarani, posteriormente, a manutenção dos espaços já conquistados desencadeava entre os grupos Guarani, disputas pela instalação e manutenção das melhores áreas¹¹. O aumento demográfico contribui neste processo, levando a instalação gradativa em locais cada vez menos propícios. No caso do Rio Grande do Sul este ritmo de expansão paulatinamente se dirigiria para os rios que tem suas nascentes no planalto, enquanto o ângulo de inclinação do solo mantém-se favorável à agricultura, obedecendo a um limite de 400 m de altitude (Noelli, 1993: 305-306).

É a partir do modelo de sistema de assentamento de Noelli que buscamos subsídios para interpretar o padrão de distribuição dos sítios da Tradição Guarani localizados no Alto Rio dos Sinos. Inicialmente descreveremos os contextos arqueológicos identificados e a seguir desenvolveremos nossas considerações sobre o modelo de implantação que representam.

5.1.2. Os Sítios da Tradição Guarani do Alto Vale do Rio dos Sinos: Características de Implantação

Os 30 sítios da Tradição Guarani identificados distribuem-se, preferencialmente, nas meias encostas que circundam a drenagem do rio dos Sinos e de seus afluentes de maior volume de água, abrangendo uma área em torno de 120 Km² (tabelas 1 e 2). As altitudes médias estão em torno de 100 m, situando-se os sítios a uma distância entre 50 e 300 m dos cursos de água. Os sítios distribuem-se de forma praticamente contínua ao longo do curso do rio dos Sinos e de seus principais afluentes, podendo ser divididos em 11 conjuntos distintos de acordo com seu local de implantação (Anexo 3).

¹¹ Soares (1997: 168) destaca que a guerra é também um veículo de promoção na hierarquia social Guarani, pois é nela que a liderança temporária das chefias locais (*uvichá*) se faz sentir, aumentando seu prestígio no *teii* através da possibilidade de manifestar valentia e capacidade de reunir pessoas pelos convites intercomunitários para formação das alianças de guerra ou ampliar a família extensa, seja pelas alianças de casamento, seja pelo rapto das mulheres dos inimigos.

O primeiro conjunto está próximo às nascentes do Rio dos Sinos, na sua confluência com o arroio Pedra Branca, estando representados pelos Sinos **RS-S-400: Alto Rio dos Sinos I** (UTM 22 J 563 400/6705 620) e **RS-S-401: Alto Rio dos Sinos II** (UTM 22 J 561 188/6707 023), marcando o limite leste da distribuição de sítios deste sistema de assentamento, próximo às nascentes do rio dos Sinos. Estes sítios estão fora da abrangência da área piloto, tendo sido localizados nas vistorias extensivas prévias para definição da metodologia a ser empregada nas prospecções. Desta forma, as prospecções nesta área não foram intensas, justificando a baixa densidade de sítios, porém diagnosticam seu potencial para futuras pesquisas. O primeiro sítio está associado a um platô de meia encosta, a 200 m do rio dos Sinos, não atingido pelas cheias. Apresentou fragmentos cerâmicos esparsos, em baixa densidade, e dois bifaces de grande porte, coletados para diagnóstico, associados a uma área de cultivo de cana de 500 x 300 m, com baixa visibilidade de solo. O segundo sítio situa-se 2,5 Km a noroeste e apresenta um padrão de implantação semelhante ao anterior, estando associado à área de cultivo de milho de 200 x 300 m, com baixa visibilidade de solo, onde foi localizado um biface, semelhante tipologicamente aos demais coletados.

A 4 Km a oeste deste conjunto, seguindo o curso do rio dos Sinos, próximo a sua confluência com o arroio Sertão, localizam-se os sítios **RS-S-402: Rio dos Sinos-1** (UTM 22J 557 076/ 6707 382) e **RS-S-403: Rio dos Sinos-2** (UTM 22 J 556 609/ 6707 100). O primeiro sítio apresenta somente evidências cerâmicas, em baixa densidade, associadas a uma área lavrada por arado mecânico para plantação de cana (300 x 100 m). O sítio dista 100 m da margem esquerda do Rio dos Sinos e está a uma altitude de 45 m, situando-se no centro urbano da localidade de Rio dos Sinos, com alto índice de perturbação de solo em função da densidade da malha urbana. O proprietário deste sítio informou que a 800 m ao sul, em uma meia encosta de morro, coberta atualmente por pastagens, encontrava-se até 15 anos atrás uma grande quantidade de cerâmica Guarani, quando a área era arada, tendo sido identificado na época uma vasilha inteira que foi descartada (Indicação de Sítio Guarani 5 - UTM 22J 557 044/ 6706 530). Embora o proprietário atual não recorde pesquisas arqueológicas anteriores neste último local, as análises do acervo documental do MARSUL referente às pesquisas de Eurico Miller na região indicam que este pode provavelmente corresponder, em função de seu local de implantação, ao sítio RS-S-290: Mont Serrat-2, onde foram realizadas coletas de

superfície em 7/1/1966¹² (Anexo 4 – croqui 13). Este sítio correspondia a uma mancha de terra preta com uma extensão de 120 x 60 m, no sentido leste-oeste, na qual foi feita uma coleta de superfície de um conjunto de 254 fragmentos cerâmicos e 3 artefatos lítico da Tradição Guarani (nº de catálogo junto ao MARSUL: 471).

O sítio RS-S-403: Rio dos Sinos-2, dista 150 m da confluência de um pequeno arroio com a margem esquerda do rio dos Sinos. Na outra margem deste arroio está o sítio RS-S-402 a uma distância aproximada de 500 m. O sítio RS-S-403 está a uma altitude de 45 m e corresponde a um sítio lítico associado a uma área preparada para cultivo de milho por arado de boi (200 x 100 m). A vistoria do terreno permitiu a localização de 3 bifaces sobre seixo e 3 lascas de basalto, distribuídas de forma esparsa ao longo de toda área. As características da sua indústria e a proximidade com o sítio RS-S-402 justificaram a associação deste sítio lítico à Tradição Guarani. Embora não haja confirmação de pesquisas arqueológicas anteriores pelos proprietários atuais, pode corresponder a uma possível sinonímia do sítio RS-S-289: Mont Serrat-1, no qual foram feitas coletas de superfície por Eurico Miller em 6/1/1966. Na época o sítio estava associado a uma área de plantação de milho e fumo, na meia encosta, com aproximadamente 200 x 100 m. O sítio apresentava 3 manchas de terra preta de pequenas dimensões, estando o material arqueológico disperso por toda a área arada (Anexo 4 – croqui 14). Ao todo foram coletados 165 fragmentos cerâmicos Guarani e 58 artefatos líticos, cuja tipologia é semelhante ao do sítio RS-S-403: Rio dos Sinos-2. (nº de catálogo no MARSUL: 470).

Segundo informações de um morador local, teria sido localizada há 30 anos atrás nas proximidades desta área uma vasilha Guarani inteira (Informação de Sítio Guarani 6 – UTM 22J 556 004/ 6707 368) na várzea do interflúvio entre o arroio Sertão e o rio dos Sinos. O local foi vistoriado, não sendo identificadas evidências arqueológicas em superfície. Esta vasilha foi fotografada, correspondendo a um *cambuchi* (panela) com decoração unglada, e encontra-se na residência de Francisco Machado da Silva. A 400 m ao norte dos dois sítios acima descritos, também foram identificados dois afloramentos rochosos, sendo um de arenito silicificado (UTM 22J 556 944/ 6707 674) e o outro de basalto (UTM 22J 556 969/ 6707 837).

¹² A localidade de Rio dos Sinos recebeu esta designação quando da emancipação do município de Carará, chamando-se Mont Serrat na época do PRONAPA.

Seguindo o curso do rio dos Sinos, a 3 Km a leste dos sítios acima descritos situa-se o sítio Guarani **RS-S-407: Quebrada Rio dos Sinos** (UTM 22J 553 861/ 6706 678). Situado em um platô da meia encosta, a 118 m de altitude, está associado a uma plantação mista, com aproximadamente 300 x 200 m de extensão, no sentido norte-sul, com baixa visibilidade de solo. O sítio situa-se a 400 metros da confluência de dois braços do rio dos Sinos e foram localizados fragmentos esparsos de cerâmica estendendo-se da meia encosta até o topo do morro, associado a grande quantidade de blocos rolados de basalto, indicando a existência de afloramento nas proximidades, identificado a 1,5 Km a nordeste do sítio. Foram coletadas amostras desta cerâmica e não foi localizado nenhum tipo de resíduo de lascamento ou artefato lítico em superfície. A cobertura vegetal por mato secundário encobre praticamente toda esta área, sendo possível à existência de outros sítios a este relacionado que não foram detectados.

A 2 Km a sudeste do conjunto de sítios da localidade de Rio dos Sinos situa-se um conjunto de 3 sítios Guarani relacionados à planície de inundação do arroio Caraá, situados no centro do município de Caraá. O sítio **RS-S-404: Caraá-1** (UTM 22 J 555 523/ 6703 775) situa-se em uma meia encosta associada a áreas de cultivo misto, intercaladas com pasto, com uma extensão de 300 x 300 m. Está a 300 m da margem esquerda do arroio Caraá, a uma altitude de 114 m. Foram identificados fragmentos de cerâmica distribuídos de forma esparsa ao longo das áreas aradas, bem como um afloramento misto de arenito silicificado e basalto, junto ao qual foram coletados dois bifaces e um núcleo unipolar. O proprietário da área informou a presença de cerâmica e artefatos líticos associados a uma plantação de alfafa próxima ao rio (Informação de Sítio Guarani 8 - UTM 22J 555 557/6704 069), 200 m ao norte da concentração de cerâmica observada. Contudo, este material foi descartado no rio quando a terra foi preparada há uns anos atrás, pois quando da colheita, “estragava o fio da foice e machucava os pés” dos agricultores. Entrevistas com os moradores locais apontam para a existência de outras duas ocorrências de cerâmica Guarani nas proximidades deste sítio. A primeira está a uma altitude de 200 m e situa-se a 500 m ao norte do sítio (Informação de Sítio Guarani 7 - UTM 22J 554 822/ 6702 979), em uma área coberta por pasto e mato secundário, fora dos limites da área piloto. A segunda situa-se 1,5 Km a oeste do sítio, a 200 m da margem esquerda do arroio Caraá e 70 m de altitude, em área de meia encosta, atualmente coberta por pasto (Informação de Sítio Guarani 9 – UTM 22J 553 865/6703 879).

O sítio **RS-S-405: Caraá-2** (UTM 22J 555 622/ 6705 046) está situado a 1 Km ao norte do sítio anterior, em uma meia encosta com altitude de 85 m, distando 500 m da

margem direita do arroio Caraá. Está associado a uma plantação mista (300 x 100 m) onde foram coletadas 5 lascas de basalto e 1 biface. Segundo informações do proprietário, esta área apresentava há anos atrás fragmentos de cerâmica Guarani que desapareceram em função da erosão. A área do sítio apresentava, em superfície, grande quantidade de blocos rolados de basalto, indicando a presença de afloramento nas proximidades, não localizado nas prospecções.

A 300 m ao sul deste último, foi localizado o sítio **RS-S-406: Caraá-3** (UTM 22J 554 942/ 6704 976), na continuidade do mesmo platô da meia encosta. Estava associado a uma área recém-arada (100 x 50 m) onde foi coletado um fragmento cerâmico de superfície lisa, dois bifaces sobre seixo e três lascas unipolares. Segundo informações dos proprietários, há aproximadamente 30 anos atrás a área do sítio foi desmatada pela primeira vez para cultivo. Nas primeiras vezes em que foi trabalhada apresentou grande quantidade de cerâmica Guarani, porém como esta vem sendo arada desde então, os fragmentos cerâmicos têm se mostrado cada vez mais raros. Tendo em vista a proximidade e semelhanças entre os sítios, ambos podem corresponder a duas concentrações de material arqueológico de um único sítio de maiores dimensões, atualmente destruído.

Por fim, o sítio **RS-S-422: Caraá-4** (UTM 22J 552 740/ 6704 449) localiza-se próximo à confluência do arroio Caraá com o rio dos Sinos. Situado em uma meia encosta, com altitude de 74 m, está a 200 m a sudoeste do arroio Caraá. Neste foi identificado fragmentos esparsos de cerâmica Guarani associada a uma plantação abandonada de milho e mandioca (150 x 50 m), atualmente coberta por gramíneas e vassoural, com baixa visibilidade de solo. Segundo o proprietário, a área quando arada apresenta uma densidade relativamente maior de cerâmica. Também há informações sobre a presença de cerâmica Guarani em área coberta por pasto (Informação de Sítio Guarani 13 – UTM 22J 552 150/ 6704 300) a aproximadamente 1 Km a leste do sítio RS-S-422: Caraá 4. Segundo os proprietários, esta área corresponderia a um sítio arqueológico pesquisado por Miller na década de 1960. Em função das suas características topográficas, proximidade com outros sítios também pesquisados na área e documentação disponível no MARSUL, possivelmente corresponde ao sítio RS-S-286: Castelhana, pesquisado 2/1/1966, durante o PRONAPA. Na época das pesquisas o sítio distribuía-se por uma área cultivada de 70 x 35 m, no sentido leste oeste, apresentando uma mancha de terra preta de 10 m de diâmetro. As coletas de superfície produziram uma coleção de 19 fragmentos cerâmicos da Tradição Guarani, associada a 3

artefatos líticos (nº de catálogo junto ao MARSUL: 467). Nas proximidades desta área também foi localizado um afloramento de arenito silicificado (UTM 22J 551 718/ 6704 275).

Na confluência do arroio Caraá com o rio dos Sinos, aproximadamente 3 Km a leste dos sítios acima descritos, situa-se um outro conjunto composto por 3 sítios Guarani. O primeiro sítio distribuía-se em duas concentrações, a 60 m a leste da margem esquerda do Rio dos Sinos. A primeira foi localizada em meio a uma plantação de mandioca (UTM 22J 550 535/6704 918), onde foram evidenciados fragmentos cerâmicos e um biface de basalto. A segunda associa-se a uma plantação mista de cana e mandioca, onde foram localizados fragmentos cerâmicos (UTM 22J 550 424/6704 976). O sítio situa-se em um pequeno platô elevado sobre planície de inundação do rio dos Sinos, estando a 25 m de altitude. Os proprietários informaram que teria havido pesquisas arqueológicas neste sítio há mais de 30 anos atrás e consultas à documentação do MARSUL, indicaram que pelo padrão de implantação este corresponderia ao sítio **RS-S-285: Passo da Forquilha-1**, pesquisado em 1/1/1966 por Eurico Miller. Na época o sítio apresentava três manchas de terra preta, estando a cerâmica dispersa em uma área de 40 x 20 m no sentido nordeste-sudoeste (Anexo 4 – croqui 15). Naquela ocasião foram realizadas coletas de superfície totalizando uma coleção de 10 artefatos líticos e 191 fragmentos de cerâmica (nº de catálogo junto ao MARSUL: 466).

A nordeste, distante 1,5 Km deste sítio, foi localizado um biface de basalto em uma área com pouca visibilidade de solo, coberta por gramíneas e vassoural. O sítio situa-se em um platô de meia encosta, a uma altitude de 60 m, acima da planície de inundação da margem direita do rio dos Sinos, do qual dista 200 m. Entrevistas com o proprietário também confirmaram que pesquisas arqueológicas haviam sido realizadas naquele local há mais de 30 anos atrás. Através de pesquisas no acervo documental do MARSUL, confirmamos que este corresponde ao sítio **RS-S-287: Passo da Forquilha-2** (UTM 22J 552 063/6705 346) pesquisado por Eurico Miller em 3/1/1966. Na época o sítio foi caracterizado por uma grande quantidade de artefatos líticos bifaciais associados a roças de milho, arroz, feijão e poteiros, dispersos por uma área de 120 x 60 m, no sentido leste-oeste. O sítio foi associado à Tradição Humaitá, apesar de estar a 30 m ao sul do sítio Guarani RS-S-288: Passo da Forquilha-3 (Anexo 4 – croqui 16). A coleta de superfície realizada em 1966 produziu uma coleção de 69 artefatos líticos e 3 fragmentos cerâmicos (nº de catálogo junto ao MARSUL: 468), que associamos à Tradição Guarani.

A 200 m a norte deste último sítio foi identificada uma concentração de cerâmica Guarani associada a linhas de erosão em uma área atualmente coberta por pasto. Entrevistas

com o antigo proprietário confirmaram que este sítio também havia sido pesquisado por Eurico Miller em 1966. Corresponde ao sítio **RS-S-288: Passo da Forquilha-3** (UTM 22J 551 920/ 6705 315) descrito na ocasião como possuindo uma concentração de cerâmica Guarani associada a uma roça de milho, dispersas entre duas manchas de terra preta (40 x 20 m no sentido leste-oeste), situadas a 20 m ao sul do sítio RS-S-287: Passo da Forquilha-2. O sítio se encontra em um platô de meia encosta, acima de planície de inundação do rio dos Sinos, a uma altitude de 60 m, estando a 30 m de um braço do rio dos Sinos (Anexo 4 – croqui 16). A coleta de superfície realizada em 4/1/1966 formou uma coleção de 9 artefatos líticos e 319 fragmentos cerâmicos (nº de catálogo junto ao MARSUL: 469).

Foram registradas outras informações sobre ocorrências de sítios Guarani nas proximidades dos sítios acima descritos em áreas atualmente cobertas por pasto e mato secundário. Uma primeira (Informação de Sítio Guarani 10 – UTM 22 J 552 448/ 6705 435) situa-se 500 m a leste dos sítios RS-S-287 e RS-S-288. O proprietário da área informou sobre a presença fragmentos de cerâmica Guarani em um local atualmente coberto por pastagens para criação de gado que era lavrado até 15 anos atrás. Informação semelhante foi registrada em outro local (Informação de Sítio Guarani 11 - UTM 22J 552 615/ 6705 655) cultivado há 20 anos atrás e atualmente coberto por mato secundário, situada a aproximadamente 600 m ao norte dos sítios RS-S-287 e RS-S-288. Nesta mesma área foi também localizado um pequeno abrigo sob rocha (Abrigo 27 – UTM 22J 552 449/ 6706 249), a 71 m de altitude, com menos de 1,5 m de altura e 2 m de profundidade, em cujo interior teria sido localizada uma vasilha inteira Guarani, segundo o proprietário (Informação de Sítio Guarani 12 – UTM 22 J 552 449/ 6706 249).

Seguindo o curso do rio dos Sinos, na confluência com o arroio Carvalho, 1 Km a sudeste dos sítios da localidade de Passo da Forquilha situa-se um outro conjunto composto por três sítios. O sítio **RS-S-421: Rincão do Herval-3** situa-se em uma meia encosta, distando 250 m da confluência do arroio Carvalho com o rio dos Sinos, apresentando duas concentrações esparsas de fragmentos cerâmicos. A primeira está situada em meio a uma pequena plantação de milho e mandioca, a uma altitude de 52 m, apresentando menos de uma dezena de fragmentos cerâmicos (UTM 22J 550 166/6703 947). A 200 m desta primeira concentração foi identificado um afloramento de arenito. A segunda concentração apresenta maior quantidade de fragmentos cerâmicos e está associada a uma área de cultivo de milho (UTM 22J 550 203/ 673 919) a uma altitude de 53 m. Por sua localização, o sítio pode corresponder a uma sinonímia do sítio RS-S-284: Carvalho, pesquisado por Eurico Miller em

28/12/1965. Este estava associado na época a uma área agrícola de 90 x 45 m, no sentido norte-sul, associadas a 3 manchas de terra preta, com 10 m, 20 m e 7 m de diâmetro (anexo 4 – croqui 17). As coletas de superfície produziram uma coleção de 140 fragmentos cerâmicos e 6 artefatos líticos associados à tradição Guarani (nº catálogo MARSUL: 465).

Distante 1,5 Km a sudoeste deste último sítio, fora da abrangência da área piloto, foram localizados dois sítios Guarani. O sítio **RS-S-414: Rincão do Herval-1** (UTM 22J 549 091/ 6703 183) apresenta fragmentos de cerâmica esparsos e está localizado em um topo de morro, a uma altitude entre 93 e 116 m, associado a uma plantação mista de, aproximadamente, 100 x 100 m. O sítio dista 100 m de um braço do rio dos Sinos e está associada a dois afloramentos de arenito silicificado, o primeiro a 80 m de altitude, na meia encosta (UTM 22J 549 065/6703 222), e o segundo no topo do morro, a 116 m de altitude (UTM 22J 549 008/ 6703 149). O sítio **RS-S-415: Rincão do Herval-2** (UTM 22J 548 684/6703 521) possivelmente apresenta relação com o sítio anterior, pois se situa na meia encosta do mesmo morro, a uma altitude de 56 m. Corresponde a uma pequena concentração de cerâmica Guarani identificada a 300 m do sítio anterior em uma área de plantação mista, com 20 x 10 m.

Ao longo do médio curso do Arroio Grande, afluente do rio dos Sinos, encontra-se uma concentração de 6 sítios Guarani, situada a 1,5 Km ao norte do conjunto de sítios da localidade de Passo da Forquilha. O primeiro sítio, **RS-S-396: Evaristo-1** (UTM 22J 552 700 /6708 500), situa-se na base de uma meia encosta, a uma altitude de 40 m, distando 200 m de uma das nascentes da Sanga do Bugre, tributário da margem esquerda do arroio Grande. Apresentou fragmentos cerâmicos esparsos associados a uma pequena plantação de milho, com dimensões de 10 x 20 m.

O sítio seguinte, **RS-S-411: Evaristo-4** (UTM 22J 552 539/6707 607), situa-se 500 m a sudoeste do anterior, já na meia encosta, em uma área atualmente coberta por pasto, em uma altitude de 100 m. Na vistoria do terreno não foram observadas evidências em superfície, porém o sítio foi identificado pelo proprietário quando arava a terra para plantação de milho e amostras de cerâmica e de um machado polido foram coletadas. Este material foi fotografado e amostras de cerâmica doadas para a equipe (fotos 1 e 2). O proprietário também nos indicou outra área cultivada até alguns anos atrás, onde haveria evidências de cerâmica, próxima a nascente da Sanga do Bugre (Indicação de Sítio Guarani 14 - UTM 22J 552 663/ 6707 166), mas a baixa visibilidade do solo, coberto por vassourais, impediu a detecção de novas evidências.

O sítio **RS-S-412: Evaristo-5** (UTM 22J 552 199/6707 064) está a 500 m do sítio anterior, em um topo de morro, a uma altitude de 160 m. Foram identificados fragmentos de cerâmica na vistoria de boçorocas situadas numa área coberta por pasto, utilizada até 5 anos atrás para cultivo de milho e mandioca. O sítio situa-se a 1 Km ao norte de um braço do arroio Grande (foto 3).

O sítio **RS-S-413: Fenda** (UTM 22J 551 705/6707 035) está localizado na base de uma meia encosta, a uma altitude de 60 m. Está a 500 m ao sul da confluência da Sanga do Bugre com o arroio Grande, distando 500 m do sítio anterior. Assim como este, também se situa em área de pasto utilizado na criação de gado cortada por boçorocas, cuja vistoria permitiu a localização de um fragmento de cerâmica corrugada e de um biface de basalto. O sítio situa-se em frente à entrada inferior de uma Fenda Arenítica, atração turística da localidade de Evaristo, que corresponde a dois paredões de arenito de 8 m de altura e distantes entre si em torno de 2,5 m (UTM 22J 551 870/ 6707 047). Entrevistas com os moradores locais apontam que teria sido encontrada há anos atrás uma vasilha Guarani inteira no interior da Fenda.

O sítio **RS-S-409: Evaristo-2** (UTM 22J 551 466/6708 353) situa-se na margem direita do arroio Grande, 1 Km a noroeste do conjunto de sítios acima descrito. Está localizado em uma meia encosta, a 250 m do arroio Grande, a uma altitude de 100 m. As evidências correspondem a artefatos líticos e fragmentos cerâmicos esparsos em meio a áreas lavradas, de extensões variadas, circundadas por capões de mato secundário e eucalipto. Segundo o proprietário, a cerâmica era abundante até pelo menos 10 anos atrás, contudo em função da erosão tornou-se a cada ano mais escassa. O sítio está associado a um afloramento de arenito silicificado, encoberto por mato secundário (UTM 22J 551 343/ 6708 246).

A 2,5 Km ao norte do conjunto acima descrito foi localizado o sítio **RS-S-428: Evaristo 6** (UTM 22J 554 400/6710 064). Este seria a manifestação mais ao norte dos sítios da localidade de Evaristo, porém como não foram vistoriadas as encostas na faixa que os separam, há uma alta probabilidade que o padrão de distribuição de sítios observado ao sul se prolongue até este limite. Este sítio está situado em uma meia encosta, com altitude de 224 m, em uma área de cultivo misto, com extensão de 250 x 150 m. A área apresenta alto índice de erosão, sendo localizados em superfície um fragmento de cerâmica pintada e um biface de basalto. Toda a área apresenta construções de taipa para fixação dos platôs de cultivo e o proprietário informou que, nos últimos 20 anos, durante o preparo da terra, sistematicamente,

vem descartando a cerâmica encontrada e retirando blocos de basalto, dentre estes possíveis artefatos, para a construção das taipas.

A aproximadamente 2 Km a noroeste do conjunto de sítios da localidade de Evaristo, foram localizados 3 outros sítios Guarani na confluência dos arroios Pinheiros e Grande. O sítio **RS-S-410: Evaristo-3** (UTM 22J 550 372/ 6707 847) está localizado no topo do mesmo morro testemunho, onde se situa o sítio em abrigo sob rocha RS-S-395: Deobaldino Marques (associado à Tradição Umbu), a uma altitude de 95 m. Este morro está localizado em meio à planície de inundação da confluência dos arroios Pinheiros e Grande, estando o material arqueológico distribuído entre duas plantações mistas, separadas por uma área de pasto, com uma extensão total de 300 x 50 m, no sentido leste-oeste. Foram localizados além de fragmentos cerâmicos, um núcleo unipolar e dois bifaces de basalto (foto 4).

Distando 1,5 Km a nordeste deste último, situa-se o sítio **RS-S-427: Pinheiros** (UTM 22J 550 748/ 6708 827) em um platô de meia encosta associado à várzea do arroio Pinheiros, a uma altitude de 30 m. O sítio está a 250 m da margem esquerda do arroio e foram identificados poucos fragmentos cerâmicos associados a uma pequena horta de 30 x 20 m. O proprietário informou que haveria maior densidade de cerâmica em uma área contígua, atualmente coberta por pasto para criação de gado, cultivada pela última vez há 20 anos atrás.

Por sua vez, o sítio **RS-S-423: Bom Retiro 1** (UTM 22J 549 913/ 6709 071) situa-se na margem do arroio Bom Retiro, estando a 1 Km a leste do sítio anterior. Neste foi identificado um artefato lítico bifacial em calcedônia associado a uma área arada 50 x 50 m, junto a uma plantação cana. O restante da área está coberto por pastagens, contudo o proprietário informou que quando lavrada apresenta fragmentos de cerâmica, justificando a classificação desta ocorrência como um sítio lítico Guarani.

Na margem direta do arroio Bom Retiro foram localizados 3 sítios Guarani, situados 1,5 Km a leste do conjunto acima descrito. Próximo às nascentes do arroio situa-se o sítio **RS-S-425: Bom Retiro 3** (UTM 22J 548 061/ 6709 235). Localizado em uma meia encosta, a 90 m de altitude, o sítio apresentou cerâmica associada a uma área de cultivo misto, com extensão total de 350 x 150 m. Em associação a este foi localizado um afloramento misto de basalto e arenito silicificado (UTM 22J 547 942/ 6709 357).

O sítio **RS-S-424: Bom Retiro 2** está a 1 Km ao sul do sítio anterior, em uma meia encosta, entre 58 e 70 m de altitude. Está dividido entre duas concentrações, associadas a áreas recém aradas preparadas para plantio de mandioca, cortadas por uma estrada vicinal. A primeira possui dimensões de 50 x 50 m, apresentando 3 lascas bipolares de quartzo e uma

lasca unipolar de basalto (UTM 22J 548 212/ 6708 132). A segunda concentração está a menos de 200 m da anterior, e apresentou uma concentração de cerâmica Guarani, em área recém-arada de 100 x 50 m (UTM 22J 548 199/ 6708 445) (foto 5).

A 500 m ao sul deste último, está o sítio **RS-S-426: Bom Retiro 4** (UTM 22J 548 129-6707 655), situado no topo de um morro testemunho, próximo à confluência do arroio Bom Retiro com o rio dos Sinos, a uma altitude de 47 m. O sítio localiza-se atrás do cemitério da localidade, em uma plantação mista, com dimensões de 150 x 150 m, circundada por pastagens para o gado e por um capão de eucaliptos, apresentando unicamente fragmentos cerâmicos.

A 3 Km a leste deste último conjunto, encontra-se dois sítios Guarani que apresentam um padrão de implantação atípico, se comparado aos demais, representando a fronteira oeste de expansão dos sítios Guarani na área piloto. O sítio **RS-S-399: Campestre Novo-1** (UTM 544 565/6708 992) situa-se em um topo de morro, a uma altitude de 213 m, em meio à área lavrada de 300 x 200 m. O material cerâmico é abundante em superfície e o sítio está associado a um afloramento misto de arenito silicificado e basalto (UTM 22J 544 038/6708 718), onde foram localizados dois bifaces em basalto. Este sítio está a 1 km ao sul de um braço do arroio Campestre e a 500 metros ao norte de 2 nascentes do arroio Restinga. Como é o sítio Guarani com maior densidade de material cerâmico localizado na área piloto, optou-se por não realizar coletas superficiais a fim de preservar a integridade espacial dos vestígios para futuras pesquisas. Amostras diagnósticas desta cerâmica foram doadas a equipe pelo proprietário, que as havia recolhido de forma aleatória.

Neste sítio foi realizado um poço teste de 1 x 1 m, controlado por níveis artificiais de 10 cm, até a profundidade de 50 cm com o objetivo de observar a estratigrafia e coletar amostras para datação por termoluminescência (UTM 22J 544 542/6709 040). Este evidenciou um pacote de sedimentos compactos, homogêneos e argilosos, de coloração avermelhada, com baixa densidade de material em sub-superfície, tendo sido localizado dois fragmentos cerâmicos nos níveis 1 e 2, respectivamente, e uma lasca de basalto a profundidade de 40 cm. Também foram coletadas 4 amostras de sedimentos das paredes da sondagem entre as profundidades de 10-20 cm, 20-30 cm, 30-40 cm e 40-50 cm. Para complementar esta sondagem, foram realizadas 13 tradagens com cavadeira, produzindo intervenções de 30 cm de diâmetro, até a profundidade de 50 cm. Estas tradagens foram estabelecidas em duas linhas orientadas a partir do poço-teste. A primeira linha foi realizada com orientação de 0° da sondagem, tendo a extensão de 12 m, na qual foram realizadas 6

tradagens, distanciados 2 m entre si. Os sedimentos mostraram-se semelhantes aos revelados pelo poço-teste, não havendo materiais arqueológicos associados. A segunda linha de tradagens orientou-se a 45° do poço-teste com uma extensão de 14 m, sendo realizadas 7 tradagens, distantes entre si 2 m. As características sedimentares são semelhantes às anteriormente observadas, não apresentando também evidências arqueológicas associadas. Tendo em vista a composição argilosa do pacote sedimentar, não foi possível utilizar peneira para a triagem dos sedimentos que foram inspecionados com colher de pedreiro.

Tendo em vista a baixa densidade de material em sub-superfície foram coletadas 3 amostras de cerâmica superficial que foram encaminhadas juntamente com os sedimentos da sondagem ao laboratório de vidros da FATEC para datação. As datações obtidas para a cerâmica foram as seguintes: 165±20 AP (LVD 594) e 205±25 AP (LVD 595). Estas apresentam compatibilidade com as datações radiocarbônicas para sítios da Tradição Guarani nos vales dos rios Jacuí, Vacacaí, Pardo e Caí, indicando contemporaneidade com o início da presença portuguesa na área. Destaca-se ainda que deste sítio é possível avistar o local onde se situava o Registro de Viamão, cujo início da ocupação é contemporânea as datações obtidas (fotos 6 a 8).

O sítio **RS-S-416: Campestre Novo-2** (UTM 22J 545 185/6709 180) situa-se a 200 m a noroeste do sítio anterior, a uma altitude de 176 m. Este sítio lito-cerâmico está associado a uma extensa plantação mista, intercalada por pastos naturais, onde foram identificados um fragmento cerâmico e uma lasca unipolar de basalto. Possivelmente este corresponde a um prolongamento do sítio RS-S-399 para a vertente norte do morro. Também foi localizado nesta encosta, associado a boçorocas, um veio de arenito silicificado (UTM 22J 545 081/6709 214). Entrevistas com os moradores indicam ainda a presença de uma ocorrência de cerâmica Guarani nas proximidades do sítio, em área atualmente coberta por pasto a 150 m de altitude (Indicação de Sítio Guarani 1 - UTM 22J 544 963/6709 202). O sítio RS-S-416 e a ocorrência Guarani 1 podem corresponder à sinonímia do sítio RS-S-338: Campestre-3, registrado por Eurico Miller em 1969. Não existe documentação nem acervo no MARSUL relativo a este sítio, o que dificulta a confirmação desta sinonímia, porém foi doado à equipe, por um morador local, um machado polido, cuja tipologia é típica Guarani, que haveria sido encontrado nesta localidade.

Um último conjunto de sítios Guarani foi localizado a 6,5 Km ao norte dos conjuntos acima descritos, associados ao limite norte da área piloto, junto às meias encostas que limitam o vale do arroio Rolantinho. O sítio **RS-S-408: Alto Rolantinho** (UTM 22J 543 396/ 6715

310) está associado a uma meia encosta coberta por plantações mistas e capões de mato secundário. As evidências arqueológicas são esparsas e em baixa densidade em superfície, tendo sido localizados, em meio a uma plantação de mandioca, dois fragmentos cerâmicos e um biface em basalto. O sítio situa-se a 100 m de altitude e está a 200 metros ao sul do arroio Rolantinho.

Entrevistas com os moradores locais apontam para a existência de duas outras ocorrências de sítios Guarani correlacionadas ao sítio RS-S-408: Alto Rolantinho em áreas atualmente com baixa visibilidade de solo. A primeira está a 500 m a nordeste do sítio (Informação de Sítio Guarani 3 – UTM 22J 543 962/ 6715 337) em área com plantações de cana e mato secundário, cuja vistoria não evidenciou material em superfície, devido à baixa visibilidade. A segunda situa-se a 1,5 Km a nordeste do sítio, em uma área ocupada por plantações de cana e capões de pinheiros, sem visibilidade de solo (Informação de Sítio Guarani 2 – 544 590/ 6716 053). Por fim, a 3 Km a sudoeste do conjunto de sítios acima descrito, registrou-se a informação de ocorrência de um sítio Guarani em área coberta por pasto. Segundo o proprietário, encontrava-se cerâmica nesta área há 20 anos atrás quando se lavrava a terra (Informação de Sítio Guarani 4 – UTM 22J 540 400/ 6714 400). Esta ocorrência pode corresponder ao sítio RS-S-343: Rolantinho da Figueira, registrado por Eurico Miller em 1969, cujo acervo e documentação de campo não foram localizados junto ao MARSUL. Vistorias nesta encosta e nas áreas adjacentes não permitiram a identificação de material arqueológico em superfície, porém foi registrado um afloramento de basalto nas proximidades da ocorrência mencionada (UTM 22J 540 705/ 6714 812).



1. Sítio RS-S-411, atualmente coberto por pasto.
Foto: Adriana Dias



2. Amostra de cerâmica coletada pelo proprietário no sítio RS-S-411. *Foto: Adriana Dias*



3. Sítio RS-S-412, localizado em vistoria de Boçoroca. *Foto: Adriana Dias*



4. RS-S-410, sítio em área cultivada com visibilidade regular. *Foto: Adriana Dias*



5. RS-S-424, sítio em área arada com boa visibilidade de solo. *Foto: Adriana Dias*



6. Sítio RS-S-399, vista geral. *Foto: Adriana Dias*



7. Sítio RS-S-399, detalhe das sondagens com trado. *Foto: Adriana Dias*



8. Sítio RS-S-399, detalhe do poço teste. *Foto: Adriana Dias*

5.1.3. O *Tekohá* do Alto Vale do Rio dos Sinos: Um Modelo Interpretativo para o Sistema de Assentamento da Tradição Guarani

Partindo dos modelos etnoarqueológicos referentes ao sistema de assentamento Guarani no século XVI, consideramos a distribuição de sítios arqueológicos observados no Alto Vale do Rio dos Sinos como representando o deslocamento das sedes de aldeias (*amundá*) na área de domínio de pelo menos dois *tekohá*. O primeiro está representado pela concentração de sítios no setor sudeste da área piloto, acompanhando os cursos do rio dos Sinos e dos arroios Caraá, Grande, Pinheiros e Bom Retiro, estando representado também no vale do arroio Campestre por uma ocupação periférica e provavelmente mais tardia. O segundo *tekohá* situa-se a noroeste da área piloto, associado ao vale do arroio Rolantinho, em altitudes mais elevadas em relação ao grupo anterior de sítios, em um ambiente menos favorável à ocupação Guarani tradicional.

Analisando o padrão de sítios no espaço da área piloto podemos distinguir 4 agrupamentos de sítios (Anexo 3). O primeiro conjunto estaria representado por 25 sítios Guarani, distribuídos em vários agrupamentos, situados na confluência do arroio Sertão com o rio dos Sinos¹³ (3 sítios), na confluência do arroio Caraá com o rio dos Sinos¹⁴ (10 sítios) e nas proximidades da confluência do arroio Grande com os arroios Pinheiros e Bom Retiro¹⁵ (12 sítios). Estes conjuntos de sítios representariam, de acordo com o modelo adotado, o deslocamento da sede da aldeia principal (*amundá*) pela área de domínio do *tekohá*, partindo de um núcleo original e deslocando-se a uma distância média de 2 Km entre os assentamentos. Seguindo o curso do rio dos Sinos, e dos arroios Caraá e Grande, as aldeias instalaram-se, preferencialmente, nas meias encostas, com altitude em torno de 100 m, nas proximidades de zonas de confluência de corpos de água e de fontes de matéria prima lítica e argilosa.

A proximidade entre os núcleos de sítios, entre 3 e 1,5 Km, representaria o deslocamento periódico da sede de uma mesma aldeia no *tekohá* do Alto Rio dos Sinos movida por motivos sanitários (necessidade de manutenção das estruturas), simbólicos

¹³ Sítios RS-S-402: Rio dos Sinos 1, RS-S-403: Rio dos Sinos 2 e RS-S-407: Quebrada Rio dos Sinos.

¹⁴ Sítios RS-S-404: Caraá 1, RS-S-405: Caraá 2, RS-S-406: Caraá 3, RS-S-422: Caraá 4, RS-S-285: Passo da Forquilha 1, RS-S-287: Passo da Forquilha 2, RS-S-288: Passo da Forquilha 3, RS-S-414: Rincão do Herval 1, RS-S-415: Rincão do Herval 2, RS-S-421: Rincão do Herval 3.

(mortes ou doenças) ou mesmo acidentais (incêndios). Contudo, subentende uma ocupação de longa duração, associada ao manejo das florestas primárias decorrentes do sistema de cultivo, com roças em diferentes estágios de desenvolvimento.

O segundo conjunto representaria uma aldeia periférica ao núcleo central acima descrito, relacionado ao limite leste da área piloto, mais próximo às nascentes do rio dos Sinos, em associação com a confluência do arroio Pedra Branca. Este conjunto está representado por apenas dois sítios¹⁶, porém como não foram realizadas prospecções intensivas neste local, na medida em que se situa fora dos limites da área piloto, a densidade de sítios original pode ser maior. Este conjunto apresentaria características de implantação de uma aldeia periférica ao núcleo central de ocupação do *tekohá*, acima caracterizado. De acordo com os modelos propostos por Brochado (1994), Noelli (1993) e Soares (1997), esta poderia corresponder a um desdobramento da aldeia central, por questões demográficas ou de ordem social decorrente de conflitos internos, apresentando menor prestígio com relação à aldeia original. Ocuparia áreas já manejadas do *tekohá*, porém menos favoráveis ao desenvolvimento do modo de ser tradicional (*tekó*), na medida em que está próximo às nascentes do rio dos Sinos, cuja topografia não se mostra ideal para o desenvolvimento pleno das roças.

Um terceiro conjunto de sítios também periférico ao núcleo principal do *tekohá* do Alto Rio dos Sinos esta representado por dois sítios situados no vale do arroio Campestre¹⁷, marcando o limite oeste da presença Guarani na área piloto. O padrão de implantação destes sítios é distinto dos demais, situando-se a uma altitude mais elevada, a uma maior distância dos cursos de água e em um ambiente menos propício para o tipo de cultivo tradicional. As datações obtidas para um destes sítios apresentam-se contemporâneas ao início da ocupação portuguesa na área piloto, representada pelo sítio RS-S-263: Guarda Velha 2, local onde estava instalado o Registro de Viamão, entre 1738 e 1808, início oficial da Estrada das Tropas que seguia pelo planalto até Sorocaba, São Paulo. Representa, portanto, um momento terminal da ocupação Guarani na área, no qual os espaços tradicionais de instalação das aldeias passam a ser ocupado pelos portugueses. Em detrimento do sistema tradicional de implantação, adota-se estratégias mais defensivas, pois é possível visualizar o Registro de Viamão do topo do

¹⁵ Sítios RS-S-396: Evaristo 1, RS-S-409: Evaristo 2, RS-S-410: Evaristo 3, RS-S-411: Evaristo 4, RS-S-412: Evaristo 5, RS-S-428: Evaristo 6, RS-S-413: Fenda Arenítica, RS-S-427: Pinheiros, RS-S-423: Bom Retiro 1, RS-S-424: Bom Retiro 2, RS-S-425: Bom Retiro 3, RS-S-426: Bom Retiro 4.

¹⁶ Sítios RS-S-400: Alto Rio dos Sinos 1 e RS-S-401: Alto Rio dos Sinos 2.

morro onde se situam os sítios em questão, e dali observar possíveis movimentos dos novos inimigos.

Um último conjunto de sítios está distribuído no limite norte da área piloto, a aproximadamente 7 Km a noroeste do *tekohá* do Alto Rio dos Sinos, junto ao curso do arroio Rolantinho, em um ambiente com topografia acidentada e altitudes elevadas, relacionado mais diretamente com a encosta do planalto. Um único sítio foi localizado nesta área¹⁸, porém as informações relativas à existência de outros sítios Guarani em locais atualmente sem visibilidade de solo, indicam um padrão de distribuição similar ao observado ao sul da área piloto. Estes dados sugerem a existência de um outro *tekohá* ao norte da região estudada, cuja área de captação de recursos pode apresentar relação de sobreposição com as florestas antropogênicas do *tekohá* da porção sul. Como não possuímos datações para esta área, torna-se impossível determinar se corresponde a uma área de domínio contemporânea, hierarquicamente subordinada ao *tekohá* do Alto Rio dos Sinos ou um padrão de implantação posterior, decorrente da pressão da frente colonial a partir do início do século XVIII, implantada junto aos cursos de rios e arroios ocupados tradicionalmente. No caso da segunda hipótese, os sítios da localidade de Campestre poderiam representar uma aldeia periférica a este *tekohá* do norte, instalada naquele local para controlar o movimento dos portugueses junto ao vale do rio dos Sinos.

Um aspecto a ser destacado quanto ao modelo etnoarqueológico adotado diz respeito às possibilidades de estimativas demográficas e temporais para a ocupação Guarani no *tekohá* do Alto Rio dos Sinos. A área ocupada pelos sítios Guarani na porção sul da área piloto possui aproximadamente 12 hectares. Baseando-se nas estimativas mínimas apresentadas por Noelli (1993) de área de roça por família de 6 pessoas (0,5 hectares), sugerimos que o *tekohá* da porção sul da área piloto poderia ter sido habitado por, no mínimo, 24 famílias ou 144 pessoas, pertencentes a uma mesma família extensa. Esta hipótese pode ser contrastada com as características dos sítios identificados nas prospecções.

Todos os sítios Guarani identificados apresentaram, em geral, uma baixa densidade de materiais, com exceção do sítio RS-S-399: Campestre Novo 1. Os fragmentos cerâmicos são de pequenas dimensões e encontram-se esparsos ao longo das áreas aradas, sem formar concentrações, não ultrapassando, em geral, uma dezena de peças. Os artefatos líticos, por sua

¹⁷ Sítios RS-S-399: Campestre Novo 1 e RS-S-416: Campestre Novo 2.

¹⁸ Sítio RS-S-408: Alto Rolantinho.

vez, apresentam grandes dimensões, representados preferencialmente por peças bifaciais, estando também presentes, em menores proporções, núcleos e resíduos de lascamento unipolares. Em nenhum dos casos estudados foi possível identificar a presença de manchas pretas elipsoidais ou arredondadas que na literatura Guarani são identificadas como produto da decomposição dos materiais orgânicos utilizados na edificação das *teii oga*. No entanto, entrevistas com os proprietários dos sítios permitiram resgatar o histórico dos processos pós-deposicionais que vem afetando estes contextos arqueológicos por várias décadas.

A possibilidade de localização dos sítios arqueológicos na área estudada, tendo em vista a baixa visibilidade de solo, em geral, dependeu da presença de áreas cultivadas. Contudo, a baixa densidade de materiais identificada é decorrente da alta intensidade da perturbação antrópica recente, associadas à ação dos desmatamentos e do cultivo de subsistência contínuo ao longo de pelos menos 40 anos. O caso do sítio RS-S-399: Campestre Novo 1 é um exemplo desta situação, pois a alta densidade de materiais observada decorre do fato de que o local onde se situa só passou a ser cultivado de forma mais intensa há poucos anos atrás, tendo em vista seu difícil acesso¹⁹. Para os casos estudados, observa-se que o preparo da terra com arado de boi causa menor perturbação dos estratos arqueológicos se comparado com a ação do arado mecânico, atingindo uma profundidade máxima de 30 cm de solo e proporcionando deslocamentos laterais pouco significativos das peças²⁰. Contudo, são freqüentes os casos relatados pelos moradores quanto à retirada e descarte intencional de materiais arqueológicos durante o preparo da terra, pois estes “machucam os pés e arruinam o fio das foices quando da colheita da cana” ou “atrapalham o arado de boi quando do preparo da terra”. Por outro lado, o tipo de cultivo mais freqüente na região, a mandioca e milho, contribui para a destruição dos sítios arqueológicos, através de floraturbações causadas pelo crescimento das raízes e, principalmente, pelo sistema de colheita da mandioca que demanda a arrancada dos pés, deslocando grande quantidade de terra e, conseqüentemente, materiais arqueológicos (Wood & Jonhson, 1978: 328-333; Schiffer, [1987] 1996: 210-212).

Igualmente, este tipo de atividade agrícola acaba por “mascarar” os conjuntos arqueológicos remanescente, pois tem o efeito de selecionar os materiais por tamanho (*size*

¹⁹ O sítio está localizado em uma chácara de lazer recentemente adquirida e o proprietário informou que escolheu àquele local para cultivar pois queria um lugar para trabalhar “com uma vista bonita”, mesmo que para isto tivesse que caminhar quase 40 minutos desde sua casa para atingir o topo do morro onde o sítio se situa.

²⁰ Araújo (2001) oferece uma rica revisão bibliográfica sobre métodos actualísticos desenvolvidos pela arqueologia norte americana, a partir da década de 1980, para interpretação de sítios sujeitos à ação de arado (*plowzone archaeology*).

effect). Em geral, os artefatos maiores são trazidos à superfície pelo arado com mais frequência do que as peças pequenas e dificilmente são reincorporados ao depósito quando a terra é arada novamente. Também, os artefatos grandes sofrem um maior deslocamento lateral sob a ação do arado do que as peças menores, que tendem a permanecer mais próximas de seus locais de deposição primária (Baker, 1978; Schiffer, [1987] 1996). Do conjunto de sítios Guarani da área, 13 apresentaram associação entre evidências líticas e cerâmicas (sendo a cerâmica sempre mais escassa que o lítico) e 5 apresentaram apenas artefatos líticos. Porém, os proprietários dos sítios lito-cerâmicos e líticos foram unânimes em afirmar que “quando do início do cultivo os fragmentos de cerâmica eram abundantes, mas tornaram-se escassos ao longo dos anos, sobrando só as pedras”, exemplificando de forma clara o “efeito de tamanho” representado pelos sítios líticos Guarani na área. Outro aspecto que pode ser relacionado ao “efeito tamanho” diz respeito ao padrão de implantação dos sítios Guarani. Situadas geralmente em platôs na meia encosta, estas áreas sofreram um intenso desmatamento ao longo dos anos para serem aproveitadas para plantações ou pastagens, sendo atualmente afetadas por intensa erosão pluvial que contribui para o arraste na torrente dos artefatos menores, como os fragmentos cerâmicos e resíduos de lascamento de menor porte como as lascas bipolares (Schiffer, [1987] 1996: 251-252).

Apesar do alto índice de perturbação antrópica atual dos sítios, os documentos de campo decorrentes das pesquisas de Eurico Miller na área mostram um quadro distinto que permite inferências relativas à densidade e organização original das aldeias que ocuparam o *tekohá* do Alto Rio dos Sinos. Quatro dos conjuntos de sítios da área nuclear do *tekohá* apresentavam, há 37 anos atrás, “manchas pretas” que podem ser interpretadas como remanescentes de casas extensas (*teii oga*). A maior das manchas pretas registradas por Miller está associada ao sítio RS-S-290: Mont Serrat 2, com 120 x 60 m. A 500 m desta, na outra margem do rio dos Sinos, foi identificado no sítio RS-S-289: Mont Serrat-1, um conjunto de três manchas circulares menores, cujo diâmetro não foi registrado. Este padrão pode representar uma aldeia com uma grande *teii oga* em uma posição central que abrigaria uma família extensa e na periferia desta, três casas menores ocupadas por famílias de menor prestígio, porém também relacionadas por afinidade sangüínea ou política à linhagem original. Outra possibilidade seria a de que as casas menores teriam sido construídas em um momento posterior ao abandono da casa grande, podendo ter sido aproveitadas as matérias primas construtivas ainda úteis, como os esteios centrais da casa original. O padrão de três casas poderia ser decorrente de uma queda demográfica ou de uma desagregação da linhagem

original (*teii*). Outra hipótese pode relacionar as três manchas menores a áreas de atividade específicas, representando a mancha maior à área de habitação e as menores locais de trabalho em madeira, pois o sítio RS-S-289: Mont Serrat-1, apresentou grande densidade de material lítico²¹.

Os três sítios pesquisados por Miller na confluência do arroio Caraá com o rio dos Sinos apresentaram também conjuntos de “manchas pretas” a semelhança dos acima descritos. O sítio RS-S-285: Passo da Forquilha-1, apresentava três manchas de terra preta, cujas dimensões foram estimadas pelo pesquisador em 40 x 20 m. A 1,5 Km deste último situava-se o sítio RS-S-287: Passo da Forquilha-2, onde foi coletada uma grande quantidade de artefatos líticos bifaciais dispersos por uma área de 120 x 60 m. Este último sítio distanciava-se apenas 30 m do sítio RS-S-288: Passo da Forquilha-3, descrito na ocasião como correspondendo a uma concentração de cerâmica Guarani dispersa entre duas manchas de terra preta, com dimensões também estimadas em 40 x 20 m. Sugerimos para este caso um modelo de implantação semelhante ao observado para os sítios da localidade de Rio dos Sinos, representando os sítios RS-S-285: Passo da Forquilha 1 e RS-S-288: Passo da Forquilha 3, dois momentos de ocupação de uma mesma aldeia, com o curto deslocamento das casas, de uma margem do rio para a outra²². Por sua vez, o sítio RS-S-287: Passo da Forquilha 2 representaria uma área de atividade específica próxima ao rio comum as duas ocupações, associada à extração de matéria prima e a produção de artefatos líticos de grande porte, possivelmente utilizados na construção das casas, na confecção de canoas ou nas atividades agrícolas e de manejo agroflorestal (Noelli e Dias, 1995).

Infelizmente, as atuais condições de degradação dos sítios na área e a falta de informações contextuais quanto às coleções decorrentes das pesquisas do PRONAPA, resultantes de coletas de superfície assistemáticas, impedem a possibilidade de estudos de áreas de atividade relacionada às estruturas habitacionais²³. A literatura arqueológica Guarani também é pobre em estudos do gênero que pudessem servir de subsídio para a interpretação das unidades habitacionais relacionadas aos sítios identificados na área. Até o presente foram

²¹ O sítio RS-S-407: Quebrada Rio dos Sinos apresenta uma posição periférica ao conjunto de sítios acima descritos, porém apresenta uma dispersão e densidade de material de relativamente alta que talvez possibilitasse testar as hipóteses acima levantadas.

²² Também foram identificadas “manchas pretas” pelas pesquisas do PRONAPA nos sítios RS-S-284 e RS-S-286.

²³ Exceção a este quadro é apresentada pelo sítio RS-S-399: Campestre Novo 1, que pode oferecer subsídios interessantes para futuras pesquisas sobre espacialidade dos assentamentos Guarani na área.

publicados apenas dois estudos descritivos de estruturas habitacionais de sítios Guarani²⁴ para o Rio Grande do Sul (Schmitz et al, 1990; Carle, 2003). Contudo, acreditamos que em um curto espaço de tempo esta deficiência interpretativa pode ser superada em novas pesquisas de campo, tendo em vista a possibilidade de elaboração de modelos interpretativos baseados nos dados etnoarqueológicos hoje disponíveis, tanto relacionados à analogia histórica direta para os Guarani (Landa, 1995; Soares, 1997), quanto a modelos gerais para os Tupinambá do século XVI (Assis, 1995) e grupos Tupi contemporâneos, como os Mbyá-Guarani (Assis, 1999) e os Assuriní do Xingu (Silva, 2000).

Embora haja limitações interpretativas tendo em vista as fontes bibliográficas disponíveis para a arqueologia Guarani, podemos observar a partir dos dados de Miller uma permanência do modelo de três casas representadas por “manchas pretas” ao longo do curso do Alto Rio dos Sinos. Iniciando com uma casa de grandes dimensões, próxima a confluência do rio dos Sinos com o arroio Sertão, porém, o diâmetro das “manchas pretas” diminui a medida em que se aproximam da confluência do rio dos Sinos com o Arroio Grande. Tendo por base o modelo de Noelli (1993), podemos sugerir que o padrão observado representaria uma tendência de deslocamento de uma sede de aldeia (*amundã*) no território de domínio manejado por longa data (*tekohã*). Estes deslocamentos, contudo, poderiam estar associados a uma queda demográfica, representada pela diminuição do diâmetro das casas.

As cronologias disponíveis para a ocupação Guarani nos vales dos rios Jacuí, Vacacaí, Pardo e Caí apontam a presença Guarani na área nordeste do Estado, por pelo menos 2.000 anos²⁵. As datas mais antigas estão associadas à bacia hidrográfica do Alto Jacuí, remontando o início da era Cristã, estendendo-se as datações nas bacias hidrográficas dos rios Vacacaí, Pardo, Baixo Jacuí e Caí até o século XVIII, período compatível as datas por nós obtidas para o Alto Vale do Rio dos Sinos (Jacobus, 2000; Noelli, 1999/2000). Este padrão apresenta correspondência com o modelo de “colonização” de novas áreas pelos Guarani pré-coloniais, sugerido por Brochado (1984), concentrando-se as ocupações mais antigas nos vales maiores, como o caso do Jacuí, e paulatinamente estendendo-se as novas aldeias para os vales dos principais afluentes, como é o caso do Vacacaí, Pardo, Caí e Sinos. Esta expansão, contudo,

²⁴ No vale do rio Pardo foi escavado o sítio Candelária 1, sem datações (Schmitz et al 1990), e no município de Rio Grande, próximo a Lagoa dos Patos, foi escavado o sítio RS-002-2: Povo Novo, com datações de 580 ± 50 AP e 510 ± 60 AP, sem referencia ao laboratório (Carle, 2003; Noelli, 1999/2000: 253).

²⁵ As datações apresentadas por Noelli como relacionadas à sítios Guarani (Noelli, 1999/2000: 250-253), apontam para os Estados de São Paulo datações entre 1870 e 470 AP, para o Paraná, entre 2010 e 85 AP, para o Mato Grosso do Sul, entre 1493 e 240 AP e para Santa Catarina, entre 1070 e 420 AP.

prevê a manutenção das áreas inicialmente ocupadas, como pode ser atestado pelas cronologias dos sítios do médio Jacuí, estudados por Rogge (1996), que apontam uma permanência Guarani nesta região por pelo menos 1200 anos²⁶.

Jacobus (2000) destaca que o processo inicial de expansão Guarani na região nordeste do Estado apresenta contemporaneidade com as ocupações de caçadores coletores apenas nas regiões hidrográficas do Alto Jacuí e das Bacias Litorâneas. No restante da área observa-se que as datações para as ocupações caçadoras coletoras limitam-se a faixa temporal de 500 anos AP, momento em que se tornam mais freqüentes as datações para sítios Guarani. Com base nestes dados, sugerimos que no vale do rio dos Sinos a ocupação Guarani se sobrepõe à caçadora coletora, cuja datação mais recente está em torno de 500 AP, não sendo, portanto, anterior a este limite temporal e estendendo-se até a segunda metade do século XVIII.

O mesmo processo observa-se quanto às cronologias disponíveis para sítios da Tradição Taquara na região nordeste do Estado, com datações distribuídas entre 1520 ± 90 AP (SI 607) e 620 ± 90 AP (SI 608) para a bacia hidrográfica dos rios das Antas e Taquari. Para o caso da Bacia Hidrográfica do rio dos Sinos as duas datações disponíveis para a Tradição Taquara são anteriores em pelo menos mil anos a presença Guarani, apresentando correlação com as datações do rio Cai²⁷. Em ambos os casos, as evidências de contato entre as distintas populações que ocuparam o vale dos Sinos são inexistentes até o presente, apontando para um padrão de conquista Guarani da área sem assimilação das populações precedentes, exterminadas pela guerra ou expulsas para outros ambientes não explorados pelos Guarani.

Se estabelecermos as balizas cronológicas da ocupação Guarani do Alto Rio dos Sinos entre 1450 e 1750 AD, teríamos um período de ocupação de pelos menos 300 anos da área. Retomando os padrões de distribuição de sítios identificados sob o prisma do modelo de Noelli (1993), podemos sugerir que cada um dos conjuntos de sítios identificados ao longo do vale do Alto rio dos Sinos poderia ter sido ocupado por aproximadamente 50 anos. Considerando que cada um destes núcleos é formado, em média, por 3 a 4 sítios arqueológicos considerados como unidades habitacionais, podemos estimar uma ocupação das casas por um período de 10 a 15 anos, compatível com as projeções da literatura etnográfica

²⁶ A datação mais antiga na área é a do sítio RS-MJ-60, de 1475 ± 80 AP (SI 2203), e a mais recente é para o sítio RS-MJ-71, 265 ± 90 AP (SI 2199). Outras três datações em sítios no mesmo vale apontam uma continuidade de ocupação: RS-MJ-101 com datação de 1255 ± 100 AP (SI 2201), RS-MJ-98 com datação de 775 ± 65 AP (SI 2198) e RS-MJ-87 com datação de 695 ± 55 AP (SI 2200).

atual para os Guarani que aponta uma média de 6 anos para mudança de residência (Noelli, 1993).

Embora não tenhamos um controle cronológico preciso para a área de estudo, os padrões de sítios observados ao norte da área piloto e o padrão de implantação dos sítios no vale do arroio Campestre levam a crer que estes estejam associados a um *tekohá* estabelecido em um período contemporâneo a presença europeia na área, representando um deslocamento populacional das áreas tradicionalmente manejadas para posições defensivas periféricas. Esta estratégia corresponderia a uma última tentativa de resistência ao avanço das frentes coloniais, ativas desde o século XVI, com as expedições das bandeiras paulistas no território rio-grandense, e concretizada pela instalação do Registro de Viamão, junto ao Rio dos Sinos, no início do século XVIII. Os impactos causados pelos primeiros contatos levam a desestruturação, em menos de um século, dos modos de vida tradicional Guarani mantidos ao longo de dois milênios²⁸.

²⁷ Corresponde a dois sítios a céu aberto: RS-S-282 com datação de 1380 ± 110 AP (SI 414) e sítio RS-S-61 1190 ± 100 AP (SI 409). Para a bacia hidrográfica do rio Caí foram obtidas 5 datações para uma casa subterrânea (sítio RS-37/127), entre 1480 ± 70 AP (SI 603) e 630 ± 70 AP (SI 604).

²⁸ Segundo Schmitz (1991:313-321), o Guarani do sul do Brasil e regiões vizinhas foi colhido no século XVI pelas tenazes opostas de duas etnias altamente expansivas: a escravista portuguesa, por um lado, e a missionária espanhola, por outro. Das frentes portuguesas, a das *plantations* (fazendas de cultivo para a exportação) de São Vicente, Piratininga e Rio de Janeiro começam a atuar em 1585, contra os Guarani do litoral catarinense e norte do Rio Grande do Sul, iniciando a partir de 1600 as *descidas* para predação dos índios do sul do Brasil. Paralelo ao movimento escravista de São Vicente, inicia a frente missionária jesuítica em terras da coroa de Portugal, com ponto de apoio no Rio de Janeiro. Tentativas de fixar reduções no sul do Brasil, na costa, ocorrem entre 1605 e 1637, mas os atritos com as bandeiras são grandes e a iniciativa abandonada, retornando os jesuítas para o Rio de Janeiro com os índios cristianizados durante este primeiro período missionário. Em 1635, consequência do comércio escravista da costa e das bandeiras do interior, os Guarani livres praticamente desaparecem no Rio Grande do Sul. Pelo lado espanhol, a expansão missionária de Assunción vai congrega a maior parte dos Guarani remanescentes dos ataques portugueses. A partir de 1609, a maior parte dos Guarani do oeste do Paraná, do centro e oeste do Rio Grande do Sul, do nordeste da Argentina e sudeste do Paraguai foram incorporados às reduções e transformados em cidadãos da Coroa de Espanha. Contudo, a ação das bandeiras paulistas é intensa sobre estas reduções no período entre 1611 e 1639, conduzindo ao deslocamento dos índios reduzidos no Rio Grande do Sul para a outra margem do rio Uruguai. Os índios transmigrados voltam a se instalar no noroeste do Rio Grande do Sul a partir de 1687, construindo os Sete Povos, que abrigava entre 100.000 a 300.000 Guarani sobreviventes aos primeiros séculos de contato, entrando em decadência cem anos mais tarde, em função da redefinição das linhas de fronteira do sul do Brasil entre as coroas de Espanha e Portugal, com o Tratado de Madrid.

5.2. Os Horticultores da Tradição Taquara no Alto Vale do Rio dos Sinos

5.2.1. Modelo de Mobilidade e Sistema de Assentamento Jê Pré-colonial no Sul do Brasil: Um Objeto em Construção

Os primeiros estudos relativos à caracterização de coleções cerâmicas pré-coloniais distintas das Guarani no sul do Brasil foram realizados por Schmitz, em finais da década de 1950, no município de Osório, no litoral norte sul-rio-grandense. Porém, foi somente a partir do PRONAPA que pesquisas de maior amplitude quanto a estes contextos passaram a ser realizados no sul do Brasil. Em finais da década de 1960, os estudos prospectivos e as escavações realizadas pelas equipes do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP/UNISINOS) e da Universidade de Caxias do Sul (UCS), bem como pelos integrantes do PRONAPA nos três estados do sul do Brasil permitiram a identificação de distintos padrões de implantação correlacionada a esta cerâmica, destacando-se os sítios com estruturas subterrâneas localizadas no alto do Planalto sul-brasileiro (Schmitz & Becker, 1991). A variabilidade regional dos padrões de tratamento de superfície, bem como da composição da pasta desta cerâmica, por sua vez, levou a definição pelo PRONAPA de três tradições regionais. A Tradição Taquara, abrigaria as fases cerâmicas definidas para o Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina, correspondendo as fases cerâmicas do Paraná e região central e litorânea de Santa Catarina à Tradição Itararé. Por fim, as fases cerâmicas definidas para o sul do Paraná e planalto catarinense seriam congregadas na Tradição Casa de Pedra (Schmitz, 1988).

As datações disponíveis para estes contextos arqueológicos apontam uma ocupação de longa duração para estas Tradições, contemporânea ao início da presença Guarani na região. No planalto sul-rio-grandense encontramos datações entre 1810 ± 85 AP (SI 813) e 355 ± 50 AP (SI 6559) para o vale do rio Pelotas, entre 830 ± 60 AP (SI 598) e 160 ± 70 AP (SI 599) para o vale do rio da Várzea e entre 1515 ± 105 AP (SI 805) e 700 ± 60 AP (SI 2343) para o vale do rio das Antas²⁹ (Noelli, 1999/2000: 244-245). Para as bacias hidrográficas dos rios Caí e dos

²⁹ Para Santa Catarina a quantidade de datações é menor se comparada às pesquisas no Rio Grande do Sul, mas também se observa uma profundidade temporal semelhante, sendo a datação mais antiga de 1920 ± 50 AP (SI 811) e a mais recente de 330 ± 90 AP (SI 997). O mesmo se aplica para o Estado do Paraná, sendo a datação mais antiga da região de 1475 ± 65 AP (SI 2197) e a mais recente de 255 ± 100 AP (SI 692) (Noelli 1999/2000:244-245).

Sinos também se observa uma ocupação de longa duração, iniciada em torno de 1500 anos AP³⁰ e, possivelmente, interrompida com a intensificação da ocupação Guarani na área, por volta de 500 anos atrás. Na bacia hidrográfica do rio Caí, o sítio RS-127 apresentou uma seqüência de 5 datações para duas estruturas subterrâneas e uma estrutura monticular com datas entre 1480±70 AP (SI 603) e 630±70 AP (SI 604). O intervalo de 850 anos entre as datações mais antigas e recentes para este sítio indica um padrão de manutenção de território pelas populações da Tradição Taquara, representado possivelmente processos de abandono e reocupação de um mesmo sítio associado a uma área de domínio mais ampla. Por sua vez, os dois únicos sítios a céu aberto datados para a Tradição Taquara no vale do rio dos Sinos também apontam para uma ocupação antiga da área com resultados entre 1380±110 AP (SI 414) e 1190±100 AP (SI 409) (Jacobus, 2000).

Comparando os dados arqueológicos concernentes às fases e sítios que compõe as três Tradições cerâmicas do Planalto Sul Brasileiro, Schmitz (1988) conclui que embora haja variabilidade restrita a alguns aspectos da produção cerâmica, todas compartilham características comuns quanto aos padrões de assentamento observados, em sua inter-relação com tipos de ambientes distintos. Com base nestas observações, Schmitz propõe um modelo de assentamento e subsistência para estas populações, baseado no domínio vertical de três estratos topográficos: planalto, encosta e litoral. O abastecimento anual destas populações se daria através de exploração sazonal dos recursos destes distintos ambientes, organizando-se a partir de sistemas de mobilidade populacional e/ou de intercâmbio de recursos entre populações relativamente fixas (Schmitz, 1988: 118-120; Schmitz & Becker, 1991: 267-270).

O autor observa que nos três Estados da região sul, os sítios arqueológicos com estruturas subterrâneas e monticulares concentram-se nas cotas mais elevadas do planalto sul-brasileiro, associadas às florestas de araucária, entremeadas por campos. Neste tipo de ambiente os sítios a céu aberto são mais raros, estando a ocupação dos abrigos sob rocha relacionadas a sepultamentos³¹. Avaliando os dados descritivos disponíveis para os sítios

³⁰ Duas das datações apontadas para sítios da Tradição Taquara no Rio Grande do Sul por Noelli (1999/2000:245), correspondem a sítios em abrigo sob rocha associados à Tradição Umbu. O sítio RS-S-359: Aterrado, situado em nossa área de pesquisa, não apresenta nenhum tipo de associação com material cerâmico histórico ou pré-histórico. O sítio RS-C-12: Viradouro apresenta fragmentos de cerâmica da Tradição Taquara em superfície, contudo a datação referida por Noelli está associada à ocupação caçadora coletora do sítio.

³¹ O abrigo sob rocha “do Matemático”, no município de Bom Jesus, no Rio Grande do Sul, é destacado por Schmitz & Becker (1991:258-259) como típico para este padrão de sítio, tendo sido pesquisado no início da década de 1970 pela equipe do IAP/UNISINOS e por Eurico Miller, como membro do PRONAPA. Este corresponde a uma gruta que se abre entre duas camadas de basalto, em meio a escarpas de difícil acesso. A gruta possui pequena abertura, de 80 cm, dando acesso a um salão de 40 m de largura, por 9 m de profundidade e

desta região, Schmitz e Becker (1991) concluem que as estruturas subterrâneas corresponderiam a unidades habitacionais³² adaptadas às baixas temperaturas do planalto. Estes tipos de estruturas encontram-se geralmente agrupadas, podendo chegar a dezenas de casas, com dimensões variadas. Analisando de forma comparativa os conjuntos de casas subterrâneas da região de Vacaria e Bom Jesus (fase Guatambu), os autores destacam que estas formam conjuntos de no máximo 22 casas, com diâmetros entre 2,5 e 18 m, atingindo profundidades entre 2 e 6 m. Contudo, a ocupação destas casas subterrâneas dificilmente seria simultânea, representando povoados semi-dispersos, abandonados e reocupados por centenas de anos, sempre localizados próximos a fontes de água perenes como nascentes de rios ou pequenos córregos.

As áreas de menor altitude, como os altos vales de rios e as encostas do planalto da região sul, relacionados a ambiente de floresta sub-tropical, apresentam, predominantemente, sítios a céu aberto de dimensões variadas, em geral com alta densidade de artefatos cerâmicos e líticos, sendo ocasionais as ocupações em abrigos sob rocha, também utilizados para sepultamentos. Estes possivelmente representariam ocupações permanentes, contemporâneas às aldeias de casas subterrâneas do planalto, atingindo a área de dispersão de materiais nos maiores sítios até 4.000 m². Os sítios da encosta estariam relacionados ao cultivo, estando também representados neste assentamento pequenos acampamentos estacionais relacionados à caça, pesca e coleta.

Por fim, na planície litorânea dos três estados da região sul também são freqüentes a presença de sítios a céu aberto, muitas vezes relacionados a acúmulos de conchas e restos arqueofaunísticos associados a atividades de pesca e a caça (concheiros). Numerosos sepultamentos estão associados aos sítios do litoral central e norte de Santa Catarina e do litoral paranaense, indicando ocupações mais permanentes onde há associação entre vegetação litorânea e mata atlântica (Schmitz, 1988; ver também Izidro, 2001).

de 2,1 m de altura máxima. O solo apresentava perturbações devido, possivelmente, a ação de “caçadores de tesouros”, estando dispersos em superfície fragmentos ósseos humanos em grande quantidade, além de fragmentos de cerâmicas da Tradição Taquara e restos de milho, pinhão e fragmentos de taquara utilizados para cestaria. Não há dados relativos ao número mínimo de indivíduos para os restos humanos, porém haveria informações locais quanto à existência de 12 a 15 crânios, levados por visitantes ocasionais. Notícias quanto à identificação de sítios semelhantes na região de Vacaria, são apresentados por Krever e Haubert (2001), Rogge (1999a), Rosa (1998, 1999) e Schmitz e colaboradores (2002).

³² Ver críticas de Reis (1997, 2002) quanto à associação funcional direta entre estruturas subterrâneas e unidades habitacionais nos sistemas de assentamento relacionados à Tradição Taquara.

O modelo de domínio vertical entre estes três ambientes prevê um abastecimento diferencial ao longo do ano, reforçado por um sistema de estocagem de alimentos, garantindo, desta forma, a estabilidade habitacional dos assentamentos. Esta, por sua vez, poderia se dar tanto através de migrações estacionais individuais, familiares ou pluri-familiares pelos diferentes ambientes que compõe o sistema de assentamento do grupo ou ocorrer através do intercâmbio de bens e pessoas para complementação dos recursos da área residencial central (Schmitz, 1988; Schmitz & Becker, 1991).

Avaliando as implicações de seu modelo para a compreensão das seqüências histórico-culturais disponíveis no final da década de 1980, Schmitz conclui que:

“pelas diferenças regionais observadas pode-se inferir que lidamos com populações que tem um fundo tecnológico e cultural comum, mas que se divide em territórios sobre os quais mantém domínio por séculos. Sobre o deslocamento destas populações dentro do próprio espaço e com relação ao território de outros grupos não sabemos quase nada”.
(1988:121)

As linhas de pesquisa que se desenvolveram a partir de meados da década de 1990 sobre o tema vêm suprir as deficiências apontadas por Schmitz. Nos últimos anos, projetos regionais desenvolvidos nos municípios de Vacaria e Bom Jesus, no vale do rio Pelotas, pelas equipes do IAP/UNISINOS e NUPArq/UFRGS, respectivamente, tem desenvolvido estudos arqueológicos de caráter contextual, voltados a compreender a variabilidade intra e inter-sítios relacionados a estruturas subterrâneas da área. Simultaneamente, a equipe do IAP/UNISINOS tem desenvolvido projetos no litoral sul catarinense, no município de Içara, e central gaúcho, no município de Quintão, a fim de melhor compreender a funcionalidade e a variabilidade entre sítios litorâneos com características de implantação semelhantes associados às Tradições Itararé e Taquara. Estes projetos vêm desenvolvendo preocupações concernentes aos sistemas de subsistência, aos processos de formação dos sítios, à cronologia dos assentamentos, à caracterização de áreas de atividade e variabilidade funcional entre os assentamentos de uma mesma área, às distinções tecnológicas entre os conjuntos de distintas regiões, bem como quanto às características antro-biológicas destas populações, e em um curto espaço de tempo contribuirão para superação das lacunas existentes quanto ao conhecimento arqueológico dos horticultores do planalto sul-brasileiro (Copé, 1999; Copé & Saldanha, 2002; Copé et al, 2002; Izidro, 2001; Krever et al, 1998; Krever & Haubert, 2001;

Rogge, 1999a; 1999b; Rosa, 1998, 1999; Schmitz, 1999; Saldanha & Copé, 1998; Schmitz et al, 2002).

Outra linha de pesquisa que vem se desenvolvendo diz respeito às possibilidades de estudos etnoarqueológicos, baseados nas fontes etno-históricas para as populações do planalto, como geradora de modelos interpretativos para os dados arqueológicos disponíveis. Schmitz e Becker, procurando avaliar os processos históricos que afetaram as populações da Tradição Taquara no Rio Grande do Sul, sugerem que

Hoje há uma idéia absolutamente dominante que a população sobreviveu [a conquista européia](...), embora com nomes cambiantes (Guaianá, Coroadó, Kaingang) e em condições cada vez menos satisfatórias devido à progressiva redução de seu território e, com isto, de seu potencial de abastecimento, estando representada hoje por grupos Kaingang das reservas indígenas do nordeste e noroeste do Estado (Schmitz & Becker, 1991: 252).

Partindo deste pressuposto, os autores buscam nas fontes etno-históricas³³ do século XIX para os Kaingang, subsídios para complementar o modelo de domínio vertical para a ocupação pré-colonial. Desta forma, esboçam um ciclo anual de abastecimento das populações do planalto, estando o verão e o outono representado pelos cultivos na área de encosta, o inverno pela coleta do pinhão no planalto, estando o abastecimento através da coleta de moluscos e a pesca na área litorânea disponível ao longo de todo o ano.

Os dados coligidos junto às fontes etno-históricas e etnográficas por Noelli (1999/2000: 245-247) reforçam as propostas de Schmitz & Becker (1991), demonstrando uma adaptação integrada aos variados ecótonos do sul do Brasil pelos Kaingang, tanto através do manejo agroflorestal, quanto pelas atividades de caça e pesca. As fontes etno-históricas também registram as estratégias de circulação no território de domínio, em diferentes áreas satélites da aldeia principal, onde predominam certos tipos de ofertas de alimentos. A agricultura documentada seria desenvolvida através de técnicas de cultivo em clareias na floresta, sendo alguns dos cultivares registrados a mandioca, as batatas doce e inglesa, o cará,

³³ Os autores, também sugerem correlação entre a área de dispersão de algumas fases cerâmicas da Tradição Taquara a locais de implantação de parcialidades indígenas Kaingang do século XIX, no intuito de oferecer um possível quadro de divisão territorial pré-colonial das áreas representadas pelas fases desta Tradição. “No século XIX, quando da ocupação definitiva pelos colonizadores europeus, os Campos de Cima da Serra eram dominados pelos Botocudos, adversários férreos dos Kaingang do cacique Braga, que ocupava os campos e

o milho, os feijões e o amendoim. O início do ciclo anual parece ter sido regido pelo cultivo das roças, havendo a dispersão dos grupos afins após a colheita para áreas com concentração de diversas plantas de coleta, como o pinhão, que, provavelmente, correspondem a antigos locais de manejo agroflorestal. Estas florestas antropogênicas, por sua vez, também atraíam determinadas espécies animais, como o porco do mato, constituindo-se também em reservas de caça de exploração sazonal. O mesmo tipo de comportamento extrativo sazonal foi registrado quanto às atividades de pesca com o uso de armadilhas (*pari*) que podem servir de parâmetro para a compreensão dos sítios litorâneos com acúmulos de conchas e restos arqueofaunísticos associados à ocupação pré-colonial de grupos ceramistas. Estas atividades extrativas intensivas, concentradas em um determinado período do ano, garantiriam o abastecimento anual através de diversas técnicas de preservação de alimentos, tanto de origem vegetal como animal, para estocagem. As carnes, tanto provenientes da caça e da pesca, quanto da coleta de moluscos, poderiam ser desidratadas no moquém ou sob o sol e o pinhão, coletado no inverno, podia ser hidratado e depositado em silos subterrâneos e cestas em locais úmidos, permitindo seu consumo por vários meses.

Exercícios de análise cerâmica das Tradições do sul do Brasil, buscando relacioná-las as populações historicamente conhecidas da área já haviam sido propostos no fim da década de 1970, por Tom Miller Jr (1978). Contudo, o predomínio do modelo histórico-cultural proposto pelo PRONAPA, avesso a comparações entre contextos arqueológicos e etnográficos, desencorajou o desenvolvimento deste tipo de exercício interpretativo até recentemente. Este tipo de postura, de certa forma, criou barreiras para a compreensão da origem e desdobramentos históricos das populações representadas pelas Tradições cerâmicas do planalto sul-brasileiro, cristalizando a idéia de que estes grupos seriam autóctones e representaria uma evolução local do horizonte caçador coletor para o horticultor³⁴, através do

pinheirais de São Francisco de Paula, Caxias do Sul e arredores, território da fase Taquara” (Schmitz & Becker, 1991: 260).

³⁴ Segundo Schmitz, “o surgimento das tradições ceramistas é obscuro. Diversos arqueólogos registram que o material lítico de certas fases do planalto é muito semelhante ao das fases pré-cerâmicas locais. (...) Assim, nos parece que, ao menos em parte, populações pré-cerâmicas locais se transformaram em populações ceramistas. Como? Por modernização a partir de horizonte tecnológico e cultural do continente sul-americano? Ou através da migração de populações ceramistas e cultivadoras que teriam produzido um notável e rápido movimento renovador nas populações pré-existentes? (...) Não que imaginemos que, por exemplo, toda a Tradição Humaitá se tenha transformado na Tradição Taquara; os pescadores coletores litorâneos, na Tradição Itararé; ou os caçadores da Tradição Umbu do planalto catarinense, na Tradição Casa de Pedra. A situação é bem mais complexa e complicada pelo fato de as sistematizações aplicadas aos materiais e sítios arqueológicos produzirem resultados notavelmente ambíguos” (Schmitz, 1988: 121-122). Noelli (1999, 1999/2000) imputa este modelo interpretativo quanto à origem das populações ceramistas do planalto sul-brasileiro à assimilação acrítica, por

contato com o Guarani (Schmitz, 1988; Schmitz & Becker, 1991; Ribeiro, 1979; entre outros).

Tendo por base estudos lingüísticos, biológicos e antropológicos, Noelli (1999/2000: 240) advoga que as Tradições tecnológicas Casa de Pedra, Itararé e Taquara representam os antecedentes das populações Xokleng e Kaingang que ocupam a área, de matriz cultural Macro-Jê, originárias do Centro-Oeste brasileiro. As relações internas na família lingüística Jê colocam a língua Kaingang no conjunto Akwén (Xakriabá, Xavante e Xerente) e Apinayé, nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, ocupando continuamente as terras mais altas do planalto brasileiro desde o Centro-Oeste do Brasil, nas bacias dos rios Tocantins e Araguaia e nos altos cursos dos rios São Francisco e Paraná. Os Xokleng estão associados ao grupo das línguas Kayapó, Timbia, Kren-akarôn e Suyá, ocupando as bacias dos rios Xingu e Paraná, baixo Tocantins e médio curso do rio São Manuel.

Na opinião de Noelli (1999/2000:241-242), as variações que se observa entre registro arqueológico e fontes etno-históricas são decorrentes dos processos de invasão e conquista dos territórios originais destas populações. Inicialmente o processo de expansão dos Jê pelo planalto brasileiro e sua diversificação regional em termos de cultura material e sistema de assentamento no sul do Brasil decorre das pressões sofridas pelas invasões Guarani, a partir do início da Era Cristã.

Em um segundo momento, a partir do século XVI, já em função da presença européia, observa-se uma redistribuição das populações Jê do Sul, tendo em vista que os grupos mais afetados pelas frentes coloniais em um primeiro momento correspondem às populações Guarani. Segundo Noelli (1999/2000: 261), nos 150 primeiros anos da presença européia houve um sucessivo processo de redução demográfica Guarani, esvaziando o interior e o litoral, do Paraná ao Rio Grande do Sul. Embora os Guarani tenham conseguido manter uma população nas reduções jesuíticas acima da média de 80.000 pessoas até 1750-60, a população não reduzida declinou até sobraem dois bolsões principais no Paraguai e no Mato Grosso do Sul. Este processo, por sua vez, provocou uma remodelação na distribuição dos povos Kaingang e Xokleng, entre os século XVII e XX, com um possível aumento demográfico decorrente da ocupação dos antigos territórios abandonados pelos Guarani no interior e litoral dos três Estados do sul do Brasil.

parte dos pesquisadores brasileiros, de uma noção evolucionista equivocada de Oswaldo Menghin, que na década de 1950, postulou, sem dados empíricos como base, esta improvável continuidade regional.

Do final do século XVIII a princípios do século XX, as terras tradicionais destas populações passam a sofrer novos impactos das frentes coloniais, através da instalação de imigrantes alemães, italianos e de outras nacionalidades européias em suas áreas de domínio no sul do Brasil. A depopulação é intensa em função deste último impacto, através de epidemias, incapacidade de reprodução dos sistemas de vida tradicionais pela redução e descaracterização dos territórios tradicionais, ou ainda, pela ação de grupos de extermínio financiados pelos governos provinciais, passando os remanescentes destes grupos a se submeter às políticas de confinamento dos povos indígenas em reservas restritas, a partir da fundação do Serviço de Proteção ao Índio (atual FUNAI) (Noelli, 1999/2000:261). Estima-se, pelas fontes etno-históricas, um contingente populacional para os Kaingang do século XIX, em torno de 2.000 a 3.000 pessoas para as áreas que passam a ser ocupadas pela colonização alemã e italiana do Rio Grande do Sul (Schmitz & Becker, 1991: 270).

Tendo por base os processos históricos que afetaram as populações Jê do Sul do Brasil, Noelli (1999/2000: 242) sugere que os descompassos que encontramos entre fontes etno-históricas e arqueológicas representam o produto de um processo contínuo de guerras e desterritorialização que causou mudanças significativas na demografia, na cultura material, na organização sócio-política e nos sistemas de subsistência e assentamento. Estes processos teriam levado ao abandono definitivo de certos tipos de assentamento (como as aldeias de casas subterrâneas), de técnicas tradicionais de produção de artefatos (como a produção de cerâmica e de artefatos líticos) ou práticas de subsistência (como a agricultura no caso Xokleng, criando uma falsa imagem de um sistema caçador coletor ancestral) que demandam padrões tradicionais em equilíbrio, dependentes de territorialidade fixa. Contudo, observados os processos históricos que afetaram estas populações, a documentação etno-histórica pode ser uma fonte inesgotável para a elaboração de modelos interpretativos sobre a organização sócio-política e econômica, comum às populações Jê do Sul, bem como um referencial significativo para compreender as diferenças regionais de longa duração observadas no registro arqueológico (para tanto ver Becker, [1976] 1995; Lavina, 1994; Noelli, 1998b; Silva & Noelli, 1996).

Um exemplo das possibilidades interpretativas desta linha de pesquisa para a análise cerâmica é oferecido por Silva (1999) a partir do estudo comparativo quanto à organização da tecnologia de produção de cerâmica entre Kaingang e Xokleng, baseada em dados dispersos em distintas fontes etno-históricas. Retomando a proposta de Miller Jr. (1978), a autora constata a manutenção de elementos técnicos comuns a ambos os grupos, indicando que

compartilhavam em muitos aspectos uma mesma tradição tecnológica³⁵. Este aspecto indicaria uma origem cultural comum ou uma maior interação destas populações em um dado período de sua história, questões estas que poderiam ser respondidas pela arqueologia, “desde que haja um compromisso explícito em estabelecer as inter-relações entre as populações ceramistas pré-históricas e estas populações Jê e, neste caso, considerando com profundidade as informações históricas sobre os mesmos” (Silva,1999: 67).

5.2.2. Os Sítios da Tradição Taquara do Alto Vale do Rio dos Sinos: Características de Implantação

Os sítios relacionados ao sistema de assentamento da Tradição Taquara estão concentrados à nordeste da área piloto, junto às nascentes e ao curso médio dos arroios Grande e Sertão, em área de encosta e meia encosta, com altitudes médias entre 100 e 400 m (Anexo 3).

Junto às nascentes do arroio Grande situa-se um conjunto representado por três sítios. O sítio **RS-S-429: Furna 1** situa-se em um platô na encosta, com altitude de 329 m, estando a 100 m das nascentes do arroio Grande. O sítio está dividido em três concentrações, intercaladas por mato secundário, estando as duas primeiras separadas pela estrada Furna-Riozinho que possivelmente cortou o sítio. A primeira concentração está associada a uma plantação mista de 70 x 50 m de extensão no sentido leste-oeste, apresentando fragmentos esparsos de cerâmica, associado a lascas e peças bifacias, relacionadas a um afloramento de basalto (UTM 22J 554 564/ 6713 796). A segunda concentração apresentou apenas peças líticas bifaciais e lascas, associadas a uma plantação de cana de 100 x 50 m (UTM 22J 554 535/ 6713 809). Uma terceira concentração de material lítico foi localizada a aproximadamente 200 m dos dois primeiros conjuntos, em meio a uma plantação mista de

³⁵ Um aspecto interessante a destacar no trabalho da autora, diz respeito às técnicas de tratamento de superfície, que representam a maior distinção entre os conjuntos cerâmicos analisados, apresentando a cerâmica Kaingang tratamentos de superfície semelhantes ao encontrado na cerâmica da Tradição Taquara e a cerâmica Xokleng grande afinidade com os tratamentos de superfície descritos para a Tradição Itararé/Casa de Pedra. As diferenças no tratamento da argila, relacionadas ao tipo de antiplástico, parecem mais ser o resultado de adaptações tecnológicas as matérias primas disponíveis em termos locais do que, propriamente, prescritividades culturais a serem consideradas como indicadores fidedignos para a definição de tradições tecnológicas (Silva, 1999: 60-65).

pequenas dimensões, sendo coletado um biface e uma lasca de basalto (UTM 22J 554 344/ 6713 716) (foto 10).

O sítio **RS-S-430: Furna 2** (UTM 22J 554 129 - 6713 162) situa-se a 700 m ao sul do anterior, em uma meia encosta, a altitude de 260 m. O sítio está associado a uma plantação mista com extensão de 250 x 100 m, na qual foi também identificado um afloramento de basalto de boa qualidade. A densidade de material é baixa, tendo sido localizados poucos fragmentos cerâmicos em superfície e nenhum artefato lítico. Entrevistas com o proprietário indicam que a concentração de cerâmica era alta até 30 anos atrás, tendo sido localizadas na época até mesmo vasilhas inteiras. Esta quantidade diminuiu consideravelmente ao longo dos anos em decorrência da ação agrícola e da erosão (foto 11).

O sítio **RS-S-431: Furna 3** (UTM 22 J 554 057/ 6712 406) está a 600 m ao sul do sítio acima descrito, seguindo o curso do arroio Grande. Corresponde a um sítio lítico a céu aberto associado à Tradição Taquara tendo em vista sua proximidade com sítios cerâmicos acima descritos e a semelhança tecno-tipológica com o material lítico coletado no sítio RS-S-429: Furna 1. O sítio situa-se em um platô de meia encosta, a uma altitude de 171 m, a 100 m ao norte da confluência de dois braços do arroio Grande, estando associado a um afloramento de basalto de boa qualidade. O material arqueológico aflora em uma área de cultivo misto, com 150 x 150 m, tendo sido identificada alta densidade de lascas e núcleos unipolares e peças bifaciais (fotos 12 a 14).

Nas nascentes do arroio Sertão, a 3,5 Km a leste do conjunto de sítios acima descritos, foi localizado um sítio lítico, cujo material apresenta semelhanças tecno-tipológicas com as indústrias dos demais sítios da Tradição Taquara na área. O sítio **RS-S-433: Morro das Flores** (UTM 22J 558 069/ 6712 868) está associado a um afloramento de basalto, em uma área preparada para o cultivo de mandioca de 100 x 50 m, em meio a capões de mato secundário. Situa-se em uma meia encosta, a altitude de 410 m, distando 50 m de uma das nascentes do arroio Sertão. A densidade de material em superfície é baixa, correspondendo a lascas e núcleos unipolares. A 4,5 Km a sudeste deste, foi identificado outro sítio lítico a 400 m da margem esquerda do arroio Sertão, cuja indústria também apresenta semelhanças com os demais sítios da Tradição Taquara da área. O sítio **RS-S-432: Sertão Rio dos Sinos** (UTM 22J 556 203/ 6709 920) está associado a um afloramento de basalto, apresentando uma densidade de material baixa em superfície. Está em meio a áreas não contíguas de cultivo de mandioca, intercaladas por capões de mato secundário, com uma extensão total aproximada

de 250 x 150 m. Situado em uma meia encosta, a altitude de 101 m, dista 400 m da confluência de uma pequena sanga com o curso médio do arroio Sertão.

A 1,5 Km a nordeste deste último sítio localiza-se o abrigo sob rocha **RS-S-328: Caipora** (UTM 22J 557 804/6709 448), na vertente leste do Morro das Flores. O sítio está a uma altitude de 300 m e corresponde a uma fenda no basalto, com orientação sudeste, tendo difícil acesso. O sítio foi pesquisado por Eurico Miller em 1968, quando foram realizadas coletas de superfície. A coleção é predominantemente composta por fragmentos ósseos humanos, com um número mínimo de 23 indivíduos, estando ausentes os crânios (nº de catálogo junto ao MARSUL: 453 e 983 a 985). Moradores mais antigos do local afirmam que há mais de 50 anos atrás o proprietário do abrigo teria retirado os crânios, enterrando-os em local desconhecido, pois as crianças da localidade costumavam utiliza-los em suas brincadeiras. Uma destas amostras de osso foi datada na época, obtendo-se o resultado de 1655 ± 65 AP (SI 2345), indicando contemporaneidade com o sistema de assentamento caçador coletora que ocupa a porção leste da área piloto. Em função da datação obtida e da ausência de outros marcadores culturais além de algumas lascas de basalto, o sítio foi classificado por Miller como associado à Tradição Humaitá. Porém, o sítio apresenta maior correlação espacial com os sítios da Tradição Taquara, além de apresentar um padrão de sepultamento compatível ao identificado para esta Tradição no planalto sul-rio-grandense. Igualmente, a datação obtida também é compatível com as cronologias disponíveis para esta Tradição no planalto, bem como nos vales dos rios Caí e dos Sinos. Estas evidências colaboram para associar o sítio RS-S-358: Caipora ao sistema de assentamento da Tradição Taquara na área piloto, oferecendo uma referência cronológica para esta, uma vez que os sítios cerâmicos identificados mostraram-se pouco densos para a realização de datações³⁶ (foto 9).

³⁶ Recentemente, a equipe do IAP/UNISINOS iniciou um estudo antro-po-biológico desta coleção esquelética ao fim de compará-la com os conjuntos similares que vem sendo estudados pelo Projeto Vacaria, coordenado por Pedro Ignácio Schmitz. Os resultados desta pesquisa, por sua vez, contribuirão significativamente para reforçar a hipótese de afiliação cultural deste sítio à Tradição Taquara.



9. Sítio RS-S-328, detalhe do interior do abrigo. *Foto: Adriana Dias*



10. RS-S-429, sítio em área recém arada. *Foto: Adriana Dias*



11. RS-S-430, sítio com baixa visibilidade de solo. *Foto: Adriana Dias*



12. Sítio RS-S-431, detalhe de afloramento de basalto associado ao sítio. *Foto: Adriana Dias*



13. Sítio RS-S-431, concentração de material lítico em superfície. *Foto: Adriana Dias*



14. Sítio RS-S-431, detalhe de biface associado à roça de milho. *Foto: Adriana Dias*

5.2.3. Uma Primeira Aproximação sobre o Sistema de Assentamento Jê no Alto Vale do Rio dos Sinos

Avaliando a distribuição de sítios associados à Tradição Taquara na área piloto a luz do modelo de mobilidade e assentamento proposto por Schmitz (1988) e Schmitz e Becker (1991), podemos levantar a hipótese de que este conjunto representa parte de um sistema de assentamento mais amplo que se estende para o norte, abrangendo as terras mais altas do planalto, e para o leste, explorando os recursos das lagoas litorâneas. O modelo de domínio vertical proposto pelos autores prevê a exploração diferencial destes três pacotes ambientais de forma sazonal a fim de garantir a subsistência do grupo ao longo do ciclo anual, sendo o sistema de cultivo, nas áreas de encosta, suplementado por estratégias de estocagem de alimentos de origem animal e vegetal, obtidos através de caça e coleta em áreas florestais previamente manejadas no planalto e pesca e coleta de moluscos no litoral.

A estabilidade econômica proporcionada por estas estratégias, por sua vez, tem como consequência uma alta mobilidade habitacional que gera uma variabilidade de tipos de sítios adaptados às características ambientais das distintas áreas. Desta forma, as estruturas subterrâneas seriam utilizadas predominantemente no final do outono e no inverno, durante a coleta e processamento do pinhão, e os sítios a céu aberto da encosta seriam ocupados mais intensamente durante a primavera e o verão, em função dos ciclos de cultivos. Os sítios litorâneos, por sua vez, poderiam ser explorados em qualquer estação do ano, por grupos de tarefas que realizariam a coleta de moluscos e a pesca de forma intensiva para consumo nos sítios de ocupação mais estável da encosta e do planalto, após processamento por desidratação. Os concheiros associados à Tradição Taquara, identificados na costa atlântica do Rio Grande do Sul entre Torres (litoral norte) e Quintão (litoral central), seriam decorrentes de ocupações rápidas, associadas a estratégias extrativas voltadas ao processamento de alimentos para estocagem e consumo em outros locais do assentamento, possivelmente na encosta, durante o verão.

Tendo por base este modelo, podemos sugerir que as estratégias de mobilidade desenvolvidas por estas populações Jê que ocuparam a região nordeste do Rio Grande do Sul a partir de 1500 anos atrás eram representadas por migrações estacionais pluri-familiares, abrangendo os diferentes ambientes que compõe o sistema de assentamento do grupo, e voltando a ocupar os mesmos assentamentos a cada estação. Indicadores deste padrão podem estar representados nas seqüências de datações para as estruturas subterrâneas do planalto que,

por vezes, abrangem centenas de anos, bem como na alta densidade de materiais registrados nos sítios a céu aberto da encosta na década de 1960 (fase taquara). Outro índice desta estabilidade habitacional de caráter sazonal estaria representado pela quantidade de sepultamentos associados a determinados tipos de sítios, como os abrigos sob rocha, para o Rio Grande do Sul, ou os concheiros, para o litoral de Santa Catarina. Neste último caso, o modelo de mobilidade associado à Tradição Itararé pode apresentar distinções ao da Tradição Taquara, no nordeste do Rio Grande do Sul, sendo caracterizado pela circulação de grupos familiares entre assentamentos mais permanentes.

Este sistema teria se estruturado de forma paralela ao sistema de mobilidade caçador coletor que lhe é contemporâneo no nordeste do Estado, sem maiores competições pelos recursos. Contudo, entraria em colapso com a presença Guarani na região, intensificada a partir de 500 anos atrás, levando a concentração das populações Jê no planalto e ao progressivo abandono dos assentamentos da encosta e do litoral. Embora os assentamentos Guarani, preferencialmente, ocupem áreas de menores altitudes, próximas ao curso de rios de maior porte, sua noção defensiva de território acaba por limitar a circulação das populações Jê pelas diferentes ambientes explorados. A presença de sítios Guarani no litoral norte e central do Rio Grande do Sul (Schmitz et al, 1988; Rogge, 1999b), possivelmente impediria, limitaria ou regularia o acesso para os Jê aos recursos litorâneos, levando ao progressivo abandono desta estratégia de subsistência. O mesmo processo teria se dado em relação às áreas de cultivo na encosta que pela proximidade com os assentamentos Guarani teriam sido abandonadas a fim de evitar agressões representadas pela expansão de territórios dos *tekohá* para áreas mais próximas às nascentes dos rios de maior porte por volta de 500 anos atrás. Há evidências de contato entre estes dois grupos, através da presença de cerâmica Guarani em sítios com estruturas subterrâneas do planalto (Ribeiro e Ribeiro, 1985; Schmitz et al 1988). Este dado pode indicar intercâmbios de produtos do planalto (como o pinhão), por cultígenos produzidos pelas populações das várzeas dos grandes rios. Porém, as formas bélicas de conquista e manutenção dos territórios de domínio desenvolvidas pelos Guarani, sugerem que conflitos e disputas com os Jê pelas áreas de cultivo da encosta e extração de recursos litorâneos marcariam a tônica do tipo de relação predominante.

A pressão Guarani, em um primeiro momento, e das frentes coloniais, de forma mais direta a partir do século XVII e XIX, teriam restringido as estratégias de mobilidade dos Jê do sul, mantendo-se apenas um dos três pilares que sustentavam a subsistência tradicional, representado pelos assentamentos do planalto. A pressão cada vez maior exercida pelas

frentes de imigração alemã e italiana, ao longo do século XIX, levaria ao abandono definitivo da utilização das estruturas subterrâneas e da produção de cerâmica e artefatos líticos (e no caso dos Xokleng, dos cultivos), reduzindo os Jê do sul ao padrão de alta mobilidade em áreas restritas caracterizado pelas fontes etno-históricas.

Os sítios arqueológicos associados à Tradição Taquara identificados no Alto Rio dos Sinos podem ser interpretados como parte de um sistema de assentamento mais amplo. Os dois sítios que apresentam cerâmica (RS-S-429: Furna 1 e RS-S-430: Furna 2), associados as nascentes do arroio Grande, poderiam representar uma única aldeia, sucessivamente reocupada na época de cultivo (primavera, verão e início do outono). A baixa densidade de materiais cerâmicos nestes sítios não pode diretamente ser interpretada como um índice de ocupações de curta duração, pois resulta de processos pós-deposicionais semelhantes aos identificados nos sítios Guarani. O sítio RS-S-431: Furna 3, por sua vez, representaria uma área de atividade específica, próxima a sede da aldeia, associada a um afloramento de boa qualidade e relacionada à extração de matérias primas e confecção de artefatos líticos. Os artefatos produzidos poderiam ser utilizados nas atividades domésticas, bem como nas atividades desenvolvidas próximas ao assentamento principal como abertura de clareiras na mata e preparo da terra para o cultivo. A estabilidade destas ocupações seria atestada pela quantidade de sepultamentos presentes no sítio RS-S-328: Caipora. Sua datação atestaria a longa duração da ocupação desta área pelas populações Jê, possivelmente encerrando-se antes da ocupação efetiva deste território pelas populações Guarani por volta de 500 anos atrás. Esta datação estaria entre as mais antigas do Estado e apresentaria correlação com as demais datações existentes para a Tradição Taquara nos vales dos rios dos Sinos e Caí. Igualmente, estudos comparativos destes restos esqueléticos com as coleções do planalto e do litoral catarinense podem contribuir para a confirmação positiva de sua associação ao sistema de assentamento Jê na área. Os outros dois sítios líticos identificados ao longo do Alto curso do arroio Sertão (RS-S-433: Morro das Flores e RS-S-432: Arroio Sertão), seriam indicadores da presença de um padrão de aldeia semelhante e relacionado ao acima descrito. Contudo, a detecção de outros sítios lito-cerâmicos nesta área demandaria a aplicação de métodos de prospecção distintos dos utilizados, voltadas a sondagens de sub-superfície, tendo em vista a baixa visibilidade de solo em função da presença predominante de mato secundário.

A relação dos sítios da Tradição Taquara identificados no Alto Rio dos Sinos com os modelos de mobilidade e assentamento propostos por Schmitz, são aspectos que poderiam ser explorados através de projetos específicos para a área. Além da ampliação das prospecções na

área, há informações a serem confirmadas quanto à presença de sítios com estruturas subterrâneas ao norte da área piloto, na localidade de Borrússia, município de Caraá. Igualmente, o sítio RS-LC-76 (UTM 22J 561 150/6681 800), situado na margem sul da Lagoa dos Barros, no município de Osório apresenta evidências de ocupação caçadora coletora, bem como fragmentos cerâmicos das Tradições Guarani e Taquara, podendo representar um sítio de atividade específica voltada a extração de recursos costeiros explorados pelos distintos sistemas de assentamento pré-coloniais presentes em nossa área de estudo. As hipóteses aqui levantadas quanto ao sistema de assentamento da Tradição Taquara no Alto Vale do Rio dos Sinos poderiam ser testadas através de uma ampliação do estudo regional aqui desenvolvido, voltado a compreender especificamente a relação entre estes distintos conjuntos de sítios com o modelo de domínio vertical de Schmitz (1988). Igualmente, os aspectos sócio-políticos e econômicos implicados por este sistema de assentamento poderiam ser aprofundados através do uso explícito de modelos etnoarqueológicos gerais, gerados a partir de fontes etno-históricas e etnográficas disponíveis para as populações Jê do Sul.

5.3. Uma Estrada para a Conquista do Sul: O Início do Povoamento Luso-africano no Alto Vale do Rio dos Sinos

Embora a presença européia tenha sido sentida na região nordeste do Estado desde o início do século XVI, sua ocupação efetiva por populações de origem euro-africana se dá apenas no início do século XVIII, com a instalação do Registro de Viamão, situado ao sul da área piloto estudada por este projeto. Este se constituía no início oficial da Estrada das Tropas que seguia pelo planalto até Sorocaba, São Paulo. Ao longo dela existiam outros Registros: o de Santa Vitória, em Bom Jesus (RS), o de São Jorge, em Lages (SC), e o de Curitiba (PR) (Jacobus, 1998).

O início do ciclo minerador no centro do país aumenta a demanda por animais de tração, intensificando o interesse pela exploração do gado crioulo criado nas Vacarias Missionárias, desde o século XVII. A Guarda de Viamão foi fundada, entre 1737 e 1738, para controlar o fluxo das tropas de gado originárias das Vacarias “do Mar” e dos “Pinhais”, vendidos na feira de Sorocaba, em São Paulo. A população inicial do Registro comportava um tenente, um sargento e 20 soldados dragões responsáveis pelo controle do fluxo de tropas de animais. Um pedágio sobre estas tropas de gado passa a ser cobrado pela coroa portuguesa a

partir de 1739 e em 1752 a Guarda passa a categoria de “registro” cabendo ao seu administrador controlar o contrabando de gado na região. As tropas que passam pelo Registro eram mistas, possuindo entre 30 e 250 animais, em sua maioria cavalos e mulas, sendo também comercializado gado bovino (Jacobus, 1996a: 23). As instalações do Registro eram compostas por três currais, que abrigavam separadamente os animais da Guarda, as tropas em trânsito e o gado apreendido, bem como por três ranchos ocupados pela Administração do Registro, pelo corpo da Guarda e pelo depósito de couros (Jacobus, 1996b: 8).

Além de sua importância para a economia da colônia, o Registro de Viamão viabiliza o início da ocupação permanente do território gaúcho por luso-brasileiros que a partir de sua fundação passam a instalar estâncias de criação de gado. Em 1728 é concedida a primeira sesmaria no território sul-rio-grandense e até a década de 1750 várias outras são concedidas na região de Viamão que comportava originalmente toda a porção nordeste do Estado. A partir de 1750 o núcleo do povoamento inicial, do que no início do século XIX será a Vila de Santo Antônio da Guarda Velha, passa a se formar em torno do Registro Viamão, podendo esta população ser estimada em torno de mil habitantes em 1780, dos quais mais de 20% eram representados por negros escravizados. Uma parcela da população branca é representada por imigrantes açorianos ali instalados em 1770, sendo o restante da população possivelmente oriunda de Rio Grande, ocupada pelos espanhóis em 1763. Uma pequena parcela desta população inicial é representada por “índios Guarani administrados”, oriundos da região missioneira e instalados pela coroa portuguesa a partir de 1753 nas proximidades do Registro de Viamão, na localidade de Aldeia Velha, e na Aldeia dos Anjos, atual município de Gravataí (Jacobus, 1996b: 10-13).

Em função da decadência do ciclo minerador, a economia regional passa a se direcionar a indústria do charque. Este processo leva a diminuição do fluxo de tropas pelo Registro de Viamão, passando o gado a ser adquirido pelos tropeiros a oeste do Estado, acessado através do “Caminho Novo da Vacaria”, culminando no seu abandono em 1808 (Jacobus, 1996b: 9).

O sítio **RS-S-263: Guarda Velha-2** (UTM 22J 544 450/6705 000) corresponde a sede do Registro de Viamão e está localizado sobre um pequeno morro testemunho, a 52 m de altitude, em meio à várzea da margem esquerda do rio dos Sinos, a cerca de 6 Km da sede atual do município de Santo Antônio da Patrulha. Atualmente o sítio é coberto por pastagens utilizadas para a criação de gado, e não apresenta estruturas arquitetônicas ou evidências arqueológicas em superfície. Este sítio foi inicialmente pesquisado por Eurico Miller em

1965, quando foram feitas duas coletas de superfície e três cortes estratigráficos de 1,5 x 1,5 m. Na época havia 3 manchas escuras, de forma elíptica, dispostas no sentido noroeste-sudeste com as seguintes dimensões: 25 x 17 m, 40 x 30 m e 50 x 35 m. Os vestígios arqueológicos distribuíam-se sobre elas até uma extensão de 150 x 70 m, cobrindo uma área de 8200 m². A cerâmica deste sítio foi relacionada por Miller à fase Monjolo da Tradição Neo-brasileira, com cronologia estimada do início do século XVIII (nº de catálogo junto ao MARSUL: 390 a 399).

As atividades do PASAP, entre 1995 e 1997, ampliaram a área escavada deste sítio em 63 m² sendo o resultado destas atividades analisado por Jacobus (1996a, 1996b e 1998). As novas pesquisas de campo identificaram o traçado do caminho dos tropeiros para o Registro, a partir do vale da Aldeia Velha, alcançando a Guarda Velha por sua encosta à direita e ali fazendo uma curva para, em seguida, subir a colina do registro (Jacobus, 1996b:20). Próximas ao traçado da antiga estrada dos tropeiros foram evidenciadas duas estruturas habitacionais de pau-a-pique e cobertura de telhas, possivelmente relacionadas a uma lixeira, escavada por Miller na década de 1960. Também foram escavadas duas fogueiras, possivelmente relacionadas aos acampamentos de tropeiros em trânsito nas proximidades dos currais.

As duas intervenções arqueológicas produziram uma coleção de 5274 vestígios arqueológicos compostos por fragmentos de cerâmica (49,5%) e de telhas (23,8%), restos faunísticos de gado bovino (9,9%), fragmentos de louças (6,7%), de massas de barro associadas às construções de pau-a-pique (5,3%), fragmentos de metais (2,3%) e de vidros (1,9%), artefatos líticos (0,2%) e madeira carbonizada (0,04%) (Jacobus, 1998: 65 e 73-76).

Destaca-se nesta coleção os conjuntos cerâmicos associados à fase Monjolo da Tradição Neo-brasileira, definida pelo PRONAPA como representando a cerâmica confeccionada pelos grupos familiares, neo-brasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências. A cerâmica da fase Monjolo é caracterizada pela queima redutora e por um padrão decorativo de superfície representado por incisões, aspectos distintivos das técnicas indígenas tradicionais, que poderiam representar uma possível influência africana. Tomado este último aspecto como ponto de partida, Jacobus (1996a, 1996b) analisou a cerâmica do Registro de Viamão, comparando seus resultados com dados bibliográficos disponíveis para os grupos falantes de língua Bantu, do oeste africano (Angola, Congo, Benin e Nigéria).

Embora correspondesse a uma amostra muito fragmentada, quanto às técnicas de produção, a maioria dos fragmentos apresentou queima redutora e decoração de superfície

alisada, e a amostra de peças com decoração plástica indicou a presença de técnicas incisas, pinçadas e aplicadas. Também foi identificada a presença de asas e alças nas panelas, bem como bases planas e bordas de lábios reforçados, arredondados, planos ou unculados, características ausentes na cerâmica indígena (Jacobus, 1996b: 36-38). As formas reconstituídas das vasilhas cerâmicas indicam uso e produção doméstica, relacionada a atividades de cozinhar (cuscuzeiro, panela, torrador de beiju), servir (alguidar e tigela) e consumir alimentos (pratos) (Jacobus, 1998). Tendo por base os resultados obtidos na análise, o autor conclui que:

A cerâmica Monjolo foi produzida, predominantemente, por mulheres que habitavam os locais onde ela foi identificada. Em uma sociedade escravista é muito provável que mulheres brancas não se dedicassem a tarefas braçais, em especial a produção de cerâmica para uso doméstico. (...) [Portanto] a cerâmica Monjolo foi produzida predominantemente por negras escravizadas (Jacobus, 1996b: 41).

Nas prospecções realizadas na área piloto foram identificadas evidências de ocupação do século XVIII somente no sítio em abrigo sob rocha RS-S-337: Monjolo. Os demais sítios históricos localizados na área piloto correspondem a um momento de ocupação mais recentes, datados do final do século XIX e início do século XX. As escavações que realizamos no sítio RS-S-337: Monjolo evidenciaram estruturas de fogueiras e uma cova culinária, cujo material associado apresenta grande semelhança com a identificada no Registro de Viamão, sendo abundante e bem preservada a cerâmica Monjolo associada a estas estruturas, complementando os dados inicialmente tratados por Jacobus e possibilitando o teste de suas hipóteses.

Tabela 1 . Sítios Arqueológicos a Céu Aberto

Nome do Sítio	Coordenadas UTM 22J	Dimensões	Intervenções	Material arqueológico	Localidade	Altitude	Distância de água	Topografia
RS-S-263: Guarda Velha 2	544 450 - 6705 000	8200 m ²	Coletas de superfície, 67 quadrículas (67 m ² escavados)	Histórico - Século XVIII	Guarda Velha	52 m	250 m	Várzea
RS-S-285: Passo da Forquilha 1	550 535 - 6704 918 550 424 - 6704 976	40 x 20 m	Coletas superficiais	Cerâmica e lítico da Tradição Guarani	Passo da Forquilha	25 m	60 m	Meia-encosta
RS-S-287: Passo da Forquilha 2	552 063 - 6705 346	120 x 60 m	Coletas superficiais	Cerâmica e lítico da Tradição Guarani	Passo da Forquilha	60 m	60 m	Meia-encosta
RS-S-288: Passo da Forquilha 3	551 920 - 6705 315	40 x 20 m	Coletas superficiais	Cerâmica e lítico da Tradição Guarani	Passo da Forquilha	60 m	30 m	Meia-encosta
RS-S-386: Guarda Velha 4	544 300 - 6704 6704450	Indeterminada	Coleta de superfície	Histórico – Século XIX	Guarda Velha	40 m	1000 m	Meia-encosta
RS-S-387: Guarda Velha 5	543 300 - 6704 400	Indeterminada	Coleta de superfície	Histórico – Século XIX	Guarda Velha	40 m	1000 m	Meia-encosta
RS-S-389: Guarda Velha 7	544/750 - 6704 6704/800	Indeterminada	Coleta de superfície	Histórico – Século XIX	Guarda Velha	40 m	300 m	Meia-encosta
RS-S-392: Fonte	543 550 - 6706 550	Indeterminada		Histórico – Início Século XX	Campestre Novo	18 m	50 m	Várzea
RS-S-396: Evaristo I	552 972 - 6708 097	Indeterminada		Cerâmica da Tradição Guarani	Evaristo	40 m	100 m	Várzea
RS-S-397: Casa Genari	548 500 - 6708 650	Indeterminada	9 tradagens até 40 cm de profundidade	Histórico – Século XIX	Bom Retiro	40 m	50 m	Várzea
RS-S-398: Casa Açoriana	546 250 - 6707 300	Indeterminada		Histórico – Século XIX	Monjolo	40 m	1000 m	Meia-encosta
RS-S-399:	544 565 - 6708	Indeterminada	1 quadrícula e 13	Cerâmica e lítico da	Campestre	213 m	500 m	Encosta

Campestre Novo I	992				Tradção Guarani	Novo				
RS-S-400: Alto Rio dos Sinos I*	563 400 – 6705 620	Indeterminada			Cerâmica e lítico da Tradção Guarani	Alto Rio dos Sinos	100 m	200 m		Meia-encosta
RS-S-401: Alto Rio dos Sinos II*	561/188 6707/023	Indeterminada			Lítico da Tradção Guarani	Alto Rio dos Sinos	100 m	100 m		Meia-encosta
RS-S-402: Rio dos Sinos I	557 076 6707 382	Indeterminado		Possível sinonímia do sítio RS-S-290: Mont Serrat 2 onde foram feitas coletas de superfície	Cerâmica da Tradção Guarani	Rio dos Sinos	48 m	100 m		Várzea
RS-S-403: Rio dos Sinos II	556 609 6707/100	Indeterminado		Possível sinonímia do sítio RS-S-289: Mont Serrat 1 onde foram feitas coletas de superfície	Lítico da Tradção Guarani	Rio dos Sinos	45 m	150 m		Várzea
RS-S-404: Caraá I	555 523 - 6703 775	Indeterminada			Cerâmica e lítico da Tradção Guarani	Centro municipal de Caraá	114 m	300 m		Meia-encosta
RS-S-405: Caraá II	555 622 6705/046	Indeterminado			Lítico da Tradção Guarani	Centro municipal de Caraá	85 m	500 m		Meia-encosta
RS-S-406: Caraá III	554 942 6704/976	Indeterminado			Lítico da Tradção Guarani	Centro municipal de Caraá	85 m	800 m		Meia-encosta
RS-S-407: Quebrada Rio dos Sinos	553/861 6706/678	Indeterminado			Cerâmica da Tradção Guarani	Quebrada Rio dos Sinos	118 m	400 m		Meia-encosta
RS-S-408: Alto Rolantinho	543 396 - 6715 310	Indeterminado			Cerâmica e lítico da Tradção Guarani	Alto Rolantinho	100 m	200 m		Meia-encosta
RS-S-409: Evaristo II	551/466 6708/353	Indeterminada			Cerâmica e lítico da Tradção Guarani	Evaristo	100 m	250 m		Meia-encosta
RS-S-410: Evaristo III	550 372 - 6707 847	Indeterminado			Cerâmica e lítico da Tradção Guarani	Evaristo	95 m	700 m		Meia-encosta

RS-S-411: Evaristo IV	552 539 6707 607	-	Indeterminada			Cerâmica e lítico da Tradição Guarani	Evaristo	100 m	500 m	Meia-encosta
RS-S-412: Evaristo V	552/199 6707/064	-	Indeterminada			Cerâmica da Tradição Guarani	Evaristo	160 m	1000 m	Meia-encosta
RS-S-413: Fenda Arenítica	551 705 6707 035	-	Indeterminada			Cerâmica e lítico da Tradição Guarani	Evaristo	60 m	500 m	Meia-encosta
RS-S-414: Rincão do Herval I*	549/091 6703/183	-	Indeterminada			Cerâmica da Tradição Guarani	Rincão do Herval	93 m	100 m	Meia-encosta
RS-S-415: Rincão do Herval II*	548 684 6703 521	-	Indeterminada			Cerâmica da Tradição Guarani	Rincão do Herval	56 m	200 m	Meia-encosta
RS-S-416: Campestre Novo II	545 185 6709 180	-	Indeterminada	Possível sinonímia do sítio RS-S-338: Campestre 3		Cerâmica da Tradição Guarani	Campestre Novo	176 m	500 m	Encosta
RS-S-420: Boçoroca	543 066 6709 856	-	Indeterminado	Coleta superficial		Lítico possivelmente da Tradição Umbu	Campestre Novo	26 m	200 m	Várzea
RS-S-421: Rincão do Herval III	550 203 – 673 919		Indeterminado	Possível sinonímia do sítio RS-S-284: Arroio Carvalho onde foram feitas coletas de superfície		Cerâmica da Tradição Guarani	Rincão do Herval	52 m	250 m	Meia-encosta
RS-S-422: Caraa IV	552 740 6704 449	-	Indeterminado			Cerâmica da Tradição Guarani	Centro municipal de Caraa	74 m	200 m	Meia-encosta
RS-S-423: Bom Retiro I	549 913 – 6709 071		Indeterminada	Coleta superficial		Lítico provavelmente relacionado à Tradição Guarani	Bom Retiro	61 m	150 m	Meia-encosta
RS-S-424: Bom Retiro II	548 212 6708 132	-	Indeterminado			Cerâmica e lítico da Tradição Guarani	Bom Retiro	70 m	300 m	Meia-encosta
RS-S-425: Bom Retiro III	548 061 6709 235	-	Indeterminado			Cerâmica da Tradição Guarani	Bom Retiro	90 m	50 m	Meia-encosta
RS-S-426: Bom Retiro IV	548 129 6707 655	-	Indeterminado			Cerâmica da Tradição Guarani	Bom Retiro	47 m	300 m	Meia-encosta
RS-S-427: Pinheiros	550 748 6708 827	-	Indeterminado			Cerâmica da Tradição Guarani	Pinheiros	30 m	250 m	Várzea
RS-S-428: Evaristo VI	554 400 6710 064	-	Indeterminado			Cerâmica e lítico da Tradição Guarani	Evaristo	224 m	300 m	Encosta

RS-S-429: Furna I	554 564 6713 796	-	Indeterminado	Coleta superficial	Cerâmica e lítico da Tradição Taquara	Furna	229 m	100 m	Encosta
RS-S-430: Furna II	554 129 6713 162	-	Indeterminado	Coleta superficial	Cerâmica da Tradição Taquara	Furna	260 m	400 m	Meia Encosta
RS-S-431: Furna III	554 057 6712 406	-	Indeterminado	Coleta superficial	Lítico da Tradição Taquara	Furna	171 m	100 m	Meia Encosta
RS-S-432: Sertão Rio dos Sinos	556 203 6709 920	-	Indeterminado	Coleta superficial	Lítico possivelmente da Tradição Taquara	Sertão Rio dos Sinos	101 m	400 m	Meia Encosta
RS-S-433: Morro das Flores	558 069 - 6712 868	-	Indeterminada	Coleta superficial	Lítico possivelmente da Tradição Taquara	Morro das Flores	410 m	50 m	Meia Encosta

*Sítios arqueológicos situados na periferia da área piloto, localizados durante as vistorias extensivas de áreas aradas fora das unidades amostrais de prospecção.

Tabela 2. Indicações de Sítios Guarani em Áreas sem Visibilidade de Solo

Número da indicação	Coordenadas UTM 22J	Informação sobre o tipo de material arqueológico	Possíveis Sinonímias	Localidade	Altitude	Topografia
Sítio Guarani 1	544 963 – 6709 202	Fragmentos de cerâmica		Campestre Novo	150 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 2	544 590 – 6716 053	Fragmentos de cerâmica		Alto Rolantinho	100 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 3	543 962 – 6715 337	Fragmentos de cerâmica		Alto Rolantinho	100 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 4	540 400 – 6714 400	Fragmentos de cerâmica	RS-S-343: Rolantinho da Figueira	Rolantinho da Figueira	200 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 5	557 044 6706 530	Fragmentos de cerâmica		Rio dos Sinos	100 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 6	556 0 44 – 6707 368	Vasilha inteira isolada		Rio dos Sinos	45 m	Várzea
Sítio Guarani 7	554 822 – 6702 979	Fragmentos de cerâmica		Centro urbano de Caraaá	200 m	Encosta
Sítio Guarani 8	555 557 – 6704 069	Fragmentos de cerâmica		Centro urbano de Caraaá	100 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 9	553 865 – 6703 879	Fragmentos de cerâmica		Centro urbano de Caraaá	70 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 10	552 448 – 6705 435	Fragmentos de cerâmica		Passo da Forquilha	60 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 11	552 615 – 6705 655	Fragmentos de cerâmica		Passo da Forquilha	60 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 12	552 449 – 6706 249	Vasilha inteira isolada		Passo da Forquilha	70 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 13	552 150 – 6704 300	Fragmentos de cerâmica	RS-S-286: Morro Castelhana	Passo da Forquilha	70 m	Meia-encosta
Sítio Guarani 14	552 663 – 6707 166	Fragmentos de cerâmica		Evaristo	100 m	Meia-encosta